

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

ANDRÉIA DE MELO GIACOMINI

**ECONOMIA DE COMUNHÃO: UMA FORMA SOCIALMENTE RESPONSÁVEL
DE DISTRIBUIÇÃO DO LUCRO**

**FLORIANÓPOLIS
2007**

ANDRÉIA DE MELO GIACOMINI

**ECONOMIA DE COMUNHÃO: UMA FORMA SOCIALMENTE RESPONSÁVEL
DE DISTRIBUIÇÃO DO LUCRO**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora: Elisete Dahmer Pfitscher,
Dra.

FLORIANÓPOLIS
2007

ANDRÉIA DE MELO GIACOMINI

**ECONOMIA DE COMUNHÃO: UMA FORMA SOCIALMENTE RESPONSÁVEL
DE DISTRIBUIÇÃO DO LUCRO**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina.

Professora Dra. Elisete Dahmer Pfitscher
Orientadora

Professores que compuseram a banca:

Professora Dra. Eleonora Milano Falcão Vieira

Professora MSc. Fabrícia da Silva Rosa

Florianópolis, 31, outubro de 2007

RESUMO

GIACOMINI, Andréia de Melo. **Economia de Comunhão**: uma forma socialmente responsável de distribuição do lucro. 2007. 62f. Monografia (Ciências Contábeis) – Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

A Contabilidade é uma ciência social que tem como objetivo prestar informações aos seus usuários. Desta forma, a crescente preocupação em evidenciar ações sociais e ambientais desenvolvidas pelas empresas deu origem à publicação do Balanço Social, demonstração na qual se pode visualizar a responsabilidade social empresarial. O projeto de Economia de Comunhão, que tem como sigla EdC, segue uma maneira responsável de viver a atividade corporativa, uma vez que se baseia na comunhão dos bens e na luta por uma sociedade com menos desigualdades sociais. Defende uma cultura voltada a partilha dos lucros, onde além de garantir a continuidade da organização, os lucros são empregados em ajuda das pessoas necessitadas e na formação de “homens novos”. Assim, este trabalho busca evidenciar o desenvolvimento do projeto de Economia de Comunhão – EdC no Brasil e no mundo, seguindo a trajetória metodológica que é dividida em três fases: a primeira compreende a fundamentação teórica; a segunda é constituída pela análise parcial dos dados estatísticos da Economia de Comunhão – EdC no Brasil e no mundo relativo ao número de empresas e de trabalhos acadêmicos nesta área; a terceira e última fase é composta por um estudo de caso de uma empresa que faz parte do projeto e a apresentação de algumas modificações em um modelo de Balanço Social utilizado no Brasil. No final verificou-se a participação expressiva do Brasil no projeto de Economia de Comunhão – EdC, tendo empresas participantes em todas as regiões. Observou-se, ainda, a presença da Economia de Comunhão – EdC em todos os continentes, assim como, fazendo parte da vida acadêmica através de monografias, dissertações e teses. A empresa visitada, por sua vez, demonstrou algumas características do projeto e a preocupação em divulgar esta nova forma de economia.

Palavras-chave: Economia de Comunhão. Contabilidade. Balanço Social. Estatística.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Tema e Problema	11
1.2 Objetivos.....	12
1.2.1 Objetivo geral	12
1.2.2 Objetivos específicos.....	12
1.3 Justificativa.....	12
1.4 Metodologia.....	13
1.4.1 Trajetória Metodológica	14
1.5 Limitações	14
1.6 Organização do trabalho.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Contabilidade.....	16
2.2 Lucro.....	18
2.3 Responsabilidade Social	18
2.4 Balanço Social	19
2.5 Economia de Comunhão - EdC	20
2.5.1 Conceitos de Economia de Comunhão.....	20
2.5.2 Movimento dos Focolares	21
2.5.3 As origens e a base da Economia de Comunhão	23
2.5.3.1 Pólo Empresarial Spartaco	24
2.5.4 Economia de Comunhão e a Contabilidade.....	25
3. ECONOMIA DE COMUNHÃO NO BRASIL E NO MUNDO	27
3.1 Economia de Comunhão no mundo.....	27
3.2 Economia de Comunhão no Brasil	32
3.2.1 Destinação dos lucros ao projeto de Economia de Comunhão no Brasil	34
3.2.2 Economia de Comunhão nas regiões brasileiras	36
3.2.2.1 Região Sudeste	36
3.2.2.1.1 Região Ginetta	37
3.2.2.2 Região Sul	38
3.2.2.3 Região Nordeste	39
3.2.2.5 Região Centro Oeste.....	40
3.2.3 Setores da economia em empresas de Economia de Comunhão	41
3.3 Trabalhos acadêmicos em Economia de Comunhão	42
3.4 Encantabrazil Tur: uma empresa de Economia de Comunhão	45
3.5 Alterações no Modelo de Balanço Social GRI para empresas de EdC	48
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A	58
APÊNDICE B	59
ANEXO A	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Evolução da EdC no mundo.	27
Figura 2: EdC nas Américas.....	29
Figura 3: Empresas da EdC por setor de atuação no mundo.	30
Figura 4: Tipos de Empresas da EdC no mundo.	30
Figura 5: Trabalhos acadêmicos da EdC, por continente.	32
Figura 6: Evolução da EdC no Brasil.	33
Figura 7: Número de empresas que distribuíram lucros a EdC.....	34
Figura 8: Valores, em dólares, destinados a EdC.	35
Figura 9: Valores, em dólares, destinados a EdC, de 1992 a 2005, por região.	35
Figura 10: Setores de atividade e empresas coligadas a EdC no Brasil.	41
Figura 11: Trabalhos acadêmicos defendidos na área de EdC no Brasil.....	44
Figura 12: Enfoques dos trabalhos de pós-graduação na área de EdC no Brasil.	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Proposta portuguesa de evidenciação da destinação dos lucros da EdC.....	26
Quadro 2: Evolução da EdC por continente.....	27
Quadro 3: Subdivisão das empresas da EdC em 2006.	28
Quadro 4: Trabalhos Acadêmicos defendidos na área da EdC.	31
Quadro 5: Número de empresas coligadas a EdC por região.....	33
Quadro 6: Número de empresas coligadas que enviaram lucros a EdC por região.....	34
Quadro 7: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região sudeste.	36
Quadro 8: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região ginetta.	37
Quadro 9: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região sul.	38
Quadro 10: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região nordeste.....	39
Quadro 11: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região norte.....	40
Quadro 12: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região centro oeste.....	40
Quadro 13: Trabalhos acadêmicos por regiões brasileiras defendidos na área de EdC.	43
Quadro 14: O Rainbow Score.....	49
Quadro 15: Relação dos Princípios de Gestão de Empresas EdC com os indicadores GRI ...	50

Aos meus pais, Luiz Carlos e Márcia, que sempre me deram a oportunidade de estudar e estar aqui neste momento.

Ao meu avô, José Cláudio, que sempre acreditou em mim e na minha escolha.

Às minhas irmãs, Fabiana, Cláudia e Raquel, assim como aos meus cunhados, Marcelo e Raul, pela força e incentivo.

Ao meu namorado, Maico, pela compreensão e carinho.

Aos meus amigos, Geórgia e Jhone, pela companhia nesta caminhada acadêmica.

À minha afilhada, Laura, e ao grande amigo, José, simplesmente por existirem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao meu Anjo da Guarda por me guiarem e me proporcionarem sempre novos desafios em busca de maiores conhecimentos e grandes significados de vida.

Agradeço ao Professor Dr. Marcos Laffin, Pró-Reitor de Ensino, pelo ensinamento inicial da Ciência Contábil e pela indicação da Professora Elisete como orientadora.

Agradeço a Professora Dra. Elisete Dahmer Pfitscher por mostrar-me a existência do projeto de Economia de Comunhão, assim como, pela ajuda, pelo tempo destinado a leitura e orientação deste trabalho, pela motivação e principalmente pelo carinho destinado a todos os seus orientandos.

Agradeço a Professora MSc. Fabrícia da Silva Rosa, assim como, a Professora Eleonora Milano Falcão Vieira pela aceitação de participarem da defesa deste trabalho e pelo tempo destinado a sua leitura.

Agradeço a Andréa e a Maria Julia, do Centro de Estudos Filadélfia, pela disponibilização dos dados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao senhor Sérgio Pina por possibilitar a visita a sua empresa e desta forma o conhecimento de uma empresa coligada a Economia de Comunhão.

Agradeço ao Dr. Brandalise pela disponibilização de sua tese.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta etapa da minha vida.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”.

Francisco Cândido Xavier

1. INTRODUÇÃO

A Economia de Comunhão é um projeto formado por empresas que seguem as formas jurídicas existentes (limitada, sociedade anônima, empresas de pequeno porte, etc.), no entanto, têm como centro de suas atividades o homem e o bem estar social.

Desta forma, em um mundo capitalista e globalizado onde o ser humano tem seu valor através do que possui e não do que é, torna-se importante um projeto como este para resgatar valores perdidos e ajudar a sociedade na formação de atitudes responsáveis.

Assim, diante dos problemas sociais e ambientais as empresas estão criando alternativas para garantir a sobrevivência do planeta e do homem. Estas atitudes têm gerado a preocupação em evidenciar a responsabilidade social empresarial. É com intuito de demonstrar tais informações que muitas empresas hoje publicam o Balanço Social.

Assim, o projeto de Economia de Comunhão, através de seus objetivos, busca contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

1.1 Tema e Problema

A EdC teve origem no Brasil, em 1991. É composta por empresas cuja responsabilidade social faz parte dos princípios empresariais. Fundamenta-se na distribuição diferenciada do lucro, na formação de “homens novos”¹, na cultura da partilha², ou seja, na comunhão de bens.

Esta comunhão de bens não está baseada na formação de seres humanos que apenas se beneficiam de doações, mas de homens que sejam integrantes de uma nova forma de pensar e agir e que se sintam incentivados a lutar por uma sociedade melhor.

Assim, sendo a contabilidade uma ciência social que tem como objetivo prestar informações aos seus usuários quer-se neste estudo analisar o desenvolvimento do projeto, no Brasil e no mundo, considerando que as particularidades destas empresas devem ser evidenciadas. Bruni (2005) ressalta, ainda, que as empresas de EdC poderão, no futuro, dar origem a formas empresariais diferentes das existentes, o que causará modificações nos registros contábeis.

¹“Homens novos” (como são chamados pelo apóstolo Paulo) são pessoas formadas e animadas pelo amor, capazes de viver a “cultura da partilha” proposta pelo projeto de EdC.

² Ver conceito na página 23.

Diante disso, a questão problema desta pesquisa está resumida na seguinte pergunta: O projeto de Economia de Comunhão está se desenvolvendo no Brasil e no mundo?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é verificar a forma como está se difundindo a Economia de Comunhão no Brasil e no mundo.

1.2.2 Objetivos específicos

- ✓ Conhecer o projeto de Economia de Comunhão e o Movimento dos Focolares;
- ✓ Analisar parcialmente por continente e região brasileira o índice de adesão das empresas;
- ✓ Verificar o ramo de atuação das empresas;
- ✓ Analisar os trabalhos acadêmicos defendidos nesta área;
- ✓ Conhecer uma empresa que participa do projeto;
- ✓ Apresentar algumas modificações no modelo de Balanço Social GRI para empresas de EdC.

1.3 Justificativa

O Brasil é um país de grandes contrastes sociais tendo, em uma mesma região, pessoas que esbanjam suas riquezas e outras que não tem nem mesmo seus direitos básicos resguardados pela Constituição Federal.

Os ricos, em sua minoria, conseguem multiplicar suas fortunas, enquanto os pobres lutam por sua sobrevivência com o pouco que ganham e que não tem como aplicar na sua mudança de situação.

Diante deste dilema, tem-se o Estado que não consegue mais suprir as necessidades de uma sociedade onde a pobreza prevalece; as Entidades do Terceiro Setor que tentam disponibilizar através de projetos sociais melhores condições de vida aos necessitados e as empresas privadas que até pouco tempo não tinham uma preocupação social, tendo como objetivo apenas a maximização do lucro.

No entanto, nas empresas de EdC o lucro não é visto como objetivo principal da empresa, mas sim, como uma ferramenta capaz de proporcionar a diminuição dos problemas existentes se utilizado de maneira diferenciada.

Assim, torna-se importante verificar o desenvolvimento do projeto devido à contabilidade poder auxiliar na continuidade deste, prestando informações relevantes para o crescimento das empresas.

1.4 Metodologia

A pesquisa é uma fase importante da vida acadêmica, pois é através dela que se dá a busca por maiores conhecimentos e contribuições para a sociedade.

Na graduação são desenvolvidos trabalhos monográficos ao final de diferentes cursos para obtenção do título almejado. Desta forma, segundo Longaray e Beuren (2006, p. 40) “Monografia é um trabalho que objetiva a reflexão sobre um tema ou problema específico e que resulta de um procedimento de investigação sistemática”.

Raupp e Beuren (2006) ainda complementam dizendo que tendo a Contabilidade certas particularidades torna-se melhor o enfoque das tipologias de pesquisa através de três categorias: pesquisa quanto aos objetivos (exploratória, descritiva e explicativa); pesquisa quanto aos procedimentos (estudo de caso, levantamento, pesquisa bibliográfica, documental, participante e experimental); e pesquisa quanto à abordagem do problema (qualitativa e quantitativa).

Assim, é utilizada a pesquisa exploratória sendo que Raupp e Beuren (2006) a destacam como uma pesquisa na qual se objetiva uma visão geral do assunto e também quando este ainda é pouco explorado.

Além desta, o trabalho aborda a pesquisa descritiva que de acordo com Gil (2002) é geralmente utilizada por pesquisadores sociais que se preocupam com aplicação prática.

Quanto aos procedimentos, Gil (2002, p. 44) explica que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Raupp e Beuren (2006, p. 87) acrescentam que o material de consulta pode abranger “[...] publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, dissertações, teses, entre outros”. Como este estudo é voltado ao que existe de publicações na área de Economia de Comunhão, esta é a abordagem usada.

Ainda quanto aos procedimentos, este trabalho utiliza o estudo caso, pois objetiva-se conhecer uma empresa que faz parte do projeto de EdC. Raupp e Beuren (2006) explicam que

esta metodologia é a mais utilizada em pesquisas na área de contabilidade devido à utilização prática das informações obtidas. Acrescenta, ainda, que o estudo de caso aborda uma única empresa em cada pesquisa.

De acordo com a abordagem do problema, segundo Raupp e Beuren (2006, p. 92) “A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo [...]”, ressalta que este tipo de pesquisa é bastante usado na contabilidade, uma vez que esta é uma ciência social.

Em relação à pesquisa quantitativa, a abordagem é caracterizada “[...] pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados”. (RAUPP; BEUREN, 2006, p. 92).

Desta forma utiliza-se a pesquisa quantitativa e qualitativa, sendo a primeira abordada na análise parcial dos dados estatísticos da EdC no Brasil e no mundo e a segunda no estudo de caso por não ser empregada a quantificação das informações obtidas na empresa.

1.4.1 Trajetória Metodológica

A trajetória metodológica é dividida em três fases, sendo a primeira a fundamentação teórica onde são tratados temas relacionados à contabilidade e lucro, responsabilidade social e Balanço social e o projeto de Economia de Comunhão.

A segunda fase é constituída pela verificação dos dados estatísticos da EdC no Brasil e no mundo relativo ao número de empresas e de trabalhos acadêmicos nesta área.

Como terceira e última fase tem-se o estudo de caso de uma empresa que faz parte do projeto e a apresentação de algumas modificações no modelo de Balanço Social GRI para empresas de EdC.

1.5 Limitações

Este trabalho limita-se em analisar parcialmente informações relativas ao projeto obtidas diretamente no Centro de Estudos e Documentação da EdC, assim como, dados registrados no site oficial do projeto. Limita-se, ainda, a conhecer uma empresa do projeto através do estudo de caso.

Ainda, vale ressaltar que com as devidas adaptações poderão ser realizados estudos com base na proposta sugerida neste trabalho.

1.6 Organização do trabalho

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, sendo o primeiro a parte introdutória onde são apresentados o tema e problema da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a justificativa para este estudo, assim como a metodologia com a trajetória metodológica, as limitações e a organização do mesmo.

No segundo capítulo é abordada a fundamentação teórica trazendo conceitos de contabilidade e lucro, definições de responsabilidade social, Balanço Social. Apresenta, ainda, o projeto de Economia de Comunhão e o Movimento dos Focolares.

O terceiro capítulo traz uma análise parcial dos dados estatísticos da EdC no Brasil e no mundo, assim como um estudo de caso em uma empresa participante do projeto. Neste capítulo, ainda apresentam-se algumas modificações no modelo de Balanço Social GRI para empresas de EdC.

O quarto capítulo se destina às conclusões e sugestões sobre o tema abordado, seguido das referências, apêndices e anexos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentados alguns conceitos importantes que facilitam o entendimento sobre o assunto abordado e esclarecem possíveis dúvidas iniciais.

2.1 Contabilidade

A Contabilidade é uma ciência que existe desde os primórdios da civilização com as mais variadas formas de registro do patrimônio. Sua evolução segue a evolução da humanidade que com os avanços tecnológicos tende a aumentar as necessidades de informações relacionadas às entidades e a melhor forma de gestão de suas riquezas.

O Conceito oficial formulado no primeiro Congresso Brasileiro de Contabilistas (1924, apud RIBEIRO, 2002, p. 33) ressalta que a “Contabilidade é a ciência que estuda e pratica as funções de orientação, controle e de registro relativas à administração econômica”.

Para Marion (1985, p. 20) “A Contabilidade é o instrumento que fornece o máximo de informações úteis para a tomada de decisões dentro e fora da empresa”.

Ribeiro (2002, p. 33) diz que “A Contabilidade é uma ciência que permite através de suas técnicas, um controle permanente do patrimônio da empresa”.

Os conceitos acima deixam claro o importante papel da Contabilidade em fornecer aos seus usuários informações que sejam confiáveis e auxiliem de forma eficiente o processo de gestão da empresa e o controle do patrimônio da mesma.

“A Contabilidade é, objetivamente, um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análises de natureza econômica, financeira, física de produtividade, com relação à entidade objeto de contabilização”. (DELIBERAÇÃO CVM nº 29, 1986).

Segundo Franco (apud RIBEIRO, 2002, p. 33) Contabilidade

É a ciência (ou técnica, segundo alguns) que estuda, controla e interpreta os fatos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a demonstração expositiva e a revelação destes fatos, com o fim de oferecer informações sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da riqueza patrimonial.

Assim, além de prestar informações, a Contabilidade deve, ainda, analisar e interpretar os dados por ela fornecidos.

Padoveze (1996, p. 41) por sua vez acrescenta que,

Não há dúvidas de que a Contabilidade é uma ciência, por que:

- a) tem objeto de estudo próprio, que é o Patrimônio e os eventos econômicos que alteram este Patrimônio;
- b) utiliza-se de método racional, que é o método das Partidas dobradas;
- c) estabelece relação entre os elementos patrimoniais, válidas em todos os espaços e tempos, ou seja, é um ramo de conhecimento universal e permanente;
- d) apresenta-se em constante evolução;
- e) o conhecimento contábil é regido por leis, normas e princípios, ou seja, tem um corpo de teorias e princípios contábeis;
- f) seus estudos têm o caráter de generalidade, ou seja, os mesmos eventos econômicos reproduzidos nas mesmas condições provocam os mesmos efeitos;
- g) tem o caráter preditivo, isto é, os modelos contábeis permitem a construção de modelos de decisão para eventos futuros;
- h) tem o caráter de certeza na afirmação de seus enunciados, isto é, suas aplicações podem ser comprovadas por evidências posteriores;
- i) está relacionada com os demais ramos do conhecimento científico, pois se utiliza de instrumentos da ciência matemáticas, filosofia, economia, psicologia, administração, direito etc.

A Minuta do Apêndice à Resolução CFC nº 750/93 complementa dizendo que a Contabilidade é uma ciência social, pois “[...] possui objeto próprio – o Patrimônio das Entidades – e consiste em conhecimentos obtidos por metodologia racional, com as condições de generalidade, certeza e busca das causas, em nível qualitativo semelhante às demais ciências sociais”.

Assim, chega-se a conclusão de que a Contabilidade é uma ciência social cujo objeto é o Patrimônio das entidades (conjunto de bens, direitos e obrigações), tendo como um de seus objetivos prestar informações aos seus usuários, internos e externos.

No entanto, com o crescente interesse das empresas em evidenciar questões de responsabilidade social, a Contabilidade de hoje não deve se preocupar apenas com as mutações do Patrimônio, mas também com o que estas podem interferir no bem estar social.

Desta forma, Kroetz (2000, p. 31) acrescenta que “[...] nas ciências sociais a teorização do saber deve necessariamente transcender seu objeto buscando o bem estar social, isto é, agindo como uma mediadora para que a sociedade se desenvolva, possibilitando a igualdade entre os homens”.

Luca (1998, p. 21) ainda complementa dizendo que “A contabilidade, numa visão social, está vinculada à responsabilidade social da empresa. Assim, numa abordagem social, o objetivo da contabilidade é fornecer informações para permitir aos seus usuários uma avaliação dos efeitos das atividades da empresa sobre a sociedade onde está inserida”.

Percebe-se aqui a evolução da ciência contábil para conseguir acompanhar as mudanças exigidas por seus usuários no cumprimento de seu objetivo de levar informações suficientes às decisões das empresas.

2.2 Lucro

O lucro é o principal objetivo a ser alcançado pelas empresas, seja ele financeiro ou social. Está diretamente ligado às atividades empresariais e a Contabilidade evidencia em suas demonstrações informações relevantes sobre ele. É, ainda, através dele que se consegue a continuidade das entidades e melhores resultados econômicos e sociais.

Para Gastaldi (1949, p. 23 apud BRANDALISE, 2003, p. 44), “[...] o lucro, na verdadeira acepção do vocábulo, nada mais é que o excedente que fica ao empreendedor, após a venda do produto; deduzidas as despesas com o custo da produção”.

Hendriksen e Van Breda (1999, p. 183), em termos de preservação de riqueza, definem lucro partindo das definições dos economistas Adam Smith e John Hicks:

O economista escocês Adam Smith foi o primeiro a definir *lucro* como sendo o montante que poderia ser consumido sem reduzir o capital. O economista inglês e ganhador do Prêmio Nobel, Sir John Hicks, aprofundou essa idéia dizendo que lucro é o montante que uma pessoa pode gastar durante um período, e ainda pode estar tão bem ao final do período quanto no início. Em outras palavras, o lucro, de acordo com Smith e Hicks, é o excedente após a manutenção do bem-estar, mas antes do consumo.

Para Iudícibus e Marion (1999, p. 170 apud BRANDALISE, 2003, p. 45) “lucro é o que podemos consumir durante uma semana (ou um mês ou ano etc.) e sentir-nos ‘tão bem’ no final como nos sentíamos no início”.

Percebe-se que a visão de lucro tanto pode ser simples quanto levar a grandes questionamentos. Na verdade, não se objetiva dizer exatamente o que é lucro, mas ressaltar que através de uma distribuição mais justa deste, existe a possibilidade de se conseguir reformular o pensamento humano na busca de uma sociedade com menos desigualdades sociais e uma nova cultura: “a cultura do dar”.

2.3 Responsabilidade Social

Os graves problemas ambientais causados pelas organizações e a crescente desigualdade social existente ressaltam as preocupações relacionadas ao futuro das empresas e da sociedade. Não se pode mais ignorar os assuntos relativos ao bem estar social. As atividades da empresa não podem mais estar apenas ligadas a maximização dos lucros enquanto o mundo clama por atitudes éticas perante as pessoas e o meio ambiente.

Assim, surge um maior enfoque em relação às atividades empresariais voltadas ao social sendo que, de acordo com o Instituto Ethos (2007),

Responsabilidade social empresarial é a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais.

De acordo com Tinoco (2001, p. 116) a responsabilidade social corporativa

[...] não está situada apenas no âmbito da caridade ou da filantropia tradicionalmente praticada pela iniciativa privada. Seu conceito está muito mais próximo das estratégias de sustentabilidade de longo prazo das empresas que, em sua lógica de *performance* e lucros, passam a incluir a necessária preocupação com os efeitos das atividades desenvolvidas e o objetivo de proporcionar bem-estar para a sociedade.

Braga (1997, p. 6 apud KROETZ, 2000, p. 32) complementa dizendo que “O envolvimento das empresas com questões ambientais e sociais, como saúde, educação e segurança, não é filantropia nem relações públicas, mas uma exigência para manter-se a competitividade no longo prazo”.

Assim, cada vez mais as empresas tentam tornar visíveis suas atitudes empresariais em benefício da sociedade e do meio ambiente, buscando a sobrevivência de suas atividades diante das mudanças ocorridas.

Luca (1998) ainda ressalta que a empresa deve ter uma função social além de sua função econômica. Esta função social entende Mussolini (1994) “[...] é a soma de atividades que propiciam a realização de ações úteis em benefício da coletividade, consubstanciadas na concretização das necessidades biológicas e materiais e no alcance das aspirações espirituais ou intelectuais do maior número de membros da comunidade”.

Desta forma, as atitudes empresariais no campo social vão além de doações materiais e passam a ser contribuições que realmente gerem algum tipo de crescimento humano e social, assim como da própria empresa.

2.4 Balanço Social

O Balanço Social tem como finalidade evidenciar as atitudes empresariais voltadas às questões sociais e ambientais.

Desta forma, “Balanço Social é o nome dado à publicação de um conjunto de informações e de indicadores dos investimentos e das ações realizadas pelas empresas no cumprimento de sua função social junto aos seus funcionários, ao governo e às comunidades com que interagem, direta ou indiretamente”. (RELATO SETORIAL N° 2 AS/GESET, 2000, p. 6).

Para o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE (2007),

O balanço social é um demonstrativo publicado anualmente pela empresa reunindo um conjunto de informações sobre os projetos, benefícios e ações sociais dirigidas aos empregados, investidores, analistas de mercado, acionistas e à comunidade. É também um instrumento estratégico para avaliar e multiplicar o exercício da responsabilidade social corporativa.

O Balanço Social é uma demonstração que evidencia as ações internas e externas praticadas pelas empresas. Estas informações são formadas, na sua maioria, por indicadores que demonstram a responsabilidade social da entidade.

Para a Comissão de Valores Mobiliários (2007),

Balanço Social (BS) é o instrumento que possibilita à sociedade ter conhecimento dessas ações empresariais. Esse conhecimento se processa mediante a divulgação de informações relevantes, normalmente agrupadas em indicadores que evidenciem, dentre outros, os gastos e investimentos feitos em benefício dos empregados e em benefício da comunidade.

Luca (1996, p. 66 apud PEIXE, 2000, p.65) ainda salienta que “[...] o Balanço Social é um instrumento de medida que permite verificar a situação da empresa no campo socioeconômico, registrar as realizações efetuadas no campo social e principalmente avaliar as relações ocorridas entre seu resultado e a sociedade”.

Nesta demonstração são registradas também informações que possibilitam uma análise daquilo que as empresas se propõem a fazer pelo bem estar social.

2.5 Economia de Comunhão - EdC

Apresenta-se neste item o Movimento dos Focolares e a Economia de comunhão com suas particulares e alguns aspectos relevantes.

2.5.1 Conceitos de Economia de Comunhão

A Economia de Comunhão é um projeto voltado à responsabilidade social das empresas, à diminuição das desigualdades sociais e à distribuição diferenciada do lucro.

Segundo Bruni (2005) a EdC é muito mais que um projeto econômico que abrange centenas de empresas, ela incorpora humanismo em suas ações. As empresas que dela fazem parte estão inseridas no mercado como empresas de propriedade privada que protegem a propriedade particular dos bens, no entanto, colocam o lucro em comunhão. (BRUNI, 2005).

De acordo com Araújo (1998, p. 11 apud CHIARELLO, 2005, p. 32),

A economia de comunhão consiste em direcionar a firma ou empresa a constituir-se como comunidade de pessoas altamente responsáveis e motivadas – voltada à produção de bens e serviços – e a usar os lucros em vista de uma sociedade solidária aos excluídos, aos marginalizados, em uma palavra, aos necessitados.

Iasi (1996, p. 132) acrescenta que é “[...] onde parte dos lucros, a critério do empresário, é devolvida à sociedade, com o mais autêntico espírito de reciprocidade, para que tais recursos sejam aplicados em algum benefício social, de forma devidamente organizada, podendo ser utilizados também, especificamente, para formar *homens novos*”.

Para Sorgi (1998, p. 60 apud CHIARELLO, 2005, p. 35) a Economia de Comunhão

Trata-se de um *modelo diferente* do capitalismo e do comunismo; um *modelo* que, sem dúvida, se fundamenta na Doutrina Social da igreja, mas que destaca especialmente o aspecto da *participação* e da *solidariedade*, estimulando um posterior desenvolvimento da doutrina em sentido mais profundamente *comunitário*.

Desta forma, a Economia de Comunhão pode ser vista como um resgate de valores humanos que se perderam com o crescimento, sem limites, do consumo de bens e serviços.

Ferruci (1999, p. 35 apud CHIARELLO, 2005, p. 36) ainda acrescenta que “O projeto de Economia de Comunhão é muito maior que um fato econômico. É um novo modo de se relacionar com as pessoas: é o amor recíproco que passa do espírito para o concreto”.

Ao contrário da economia consumista, baseada numa cultura do “ter”, a Economia de Comunhão é a economia do “dar”. Isso pode parecer difícil, árduo, heróico. Mas não é assim, pois o homem criado à imagem de Deus, que é Amor; encontra a sua realização justamente no amor; no dar. Esta exigência reside no mais íntimo do seu ser; quer ele tenha fé ou não. E é nesta constatação, comprovada pela nossa experiência, que está a esperança de uma difusão universal da Economia de Comunhão. (LUBICH, 1991 apud LUBICH, 2004, p. 40).

Os benefícios sociais são muitos àqueles que participam da Economia de Comunhão, no entanto é um projeto que zela por uma nova forma de pensar e agir a vida econômica e quem quiser fazer parte dele também deve seguir o mesmo ideal.

2.5.2 Movimento dos Focolares

O Movimento dos Focolares é um Movimento eclesial, fundado por Chiara Lubich³, em 1943, na cidade de Trento (norte da Itália). Surgiu durante a II Guerra Mundial, momento em que Chiara e suas amigas viram os ideais de suas vidas serem destruídos pelos bombardeios.

³ Chiara Lubich nasceu em 1920, na cidade de Trento (norte da Itália), é fundadora e presidente do Movimento dos Focolares.

Neste ambiente descobriram Deus, um ideal que nenhuma bomba poderia destruir. A partir desta descoberta, quando precisavam correr para os abrigos antiaéreos, buscando a proteção dos bombardeios, era um exemplar Evangelho que levavam consigo. Nestes locais a espera era marcada por lições que iluminavam as ações de Chiara e suas companheiras em busca do auxílio as pessoas mais necessitadas em meio à guerra.

Em uma destas reuniões nasceu o objetivo principal do Movimento dos Focolares, contado por Lubich (1944): “Em um refúgio antiaéreo abrimos ao acaso o Evangelho na página do Testamento de Jesus: ‘Pai, que todos sejam um, como eu e tu’. Aquelas palavras pareciam iluminar-se uma a uma. Aquele ‘todos’ foi o nosso horizonte. Aquele Projeto de Unidade a razão da nossa vida”.

Assim, formou-se o Movimento de Focolares, baseado na unidade e cujos membros têm como estilo de vida a comunhão de bens, espirituais e materiais, como os primeiros cristãos.

O fim da guerra causou a rápida expansão do Movimento na Itália e, a partir de 1956, na Europa. No Brasil, difundiu-se em todos os Estados e teve início em 1958, sendo que atualmente conta com cerca de duzentas e cinquenta mil pessoas que dele fazem parte. (LUBICH, 2004).

Desta forma, Lubich (2004) considera que o Movimento dos Focolares abrange aspectos ecumênicos, espirituais, sociais e econômicos, culturais, entre outros.

No campo ecumênico, o Movimento é composto por católicos, luteranos e por qualquer pessoa que queira dele fazer parte, independente da religião que segue, podendo ainda não possuir nenhuma convicção religiosa. De acordo com Lubich (2004), tal fato pode ser comprovado pela participação de mais de trezentas Igrejas no Movimento.

No âmbito social, além de alguns projetos voltados a renovação da sociedade, tem-se as Mariápolis Permanentes. Estas são cidades-testemunho do Movimento dos Focolares, que de acordo com Lubich (2004) “[...] se apresentam como formas modernas de convivência, com todas as expressões da vida moderna, exigindo pois, também a presença de empresas, além de escolas de formação, casas de famílias, igreja, atividades artesanais e outras surgidas para o sustento de seus habitantes [...]”.

Nestas cidadezinhas, como também são chamadas, procura-se viver com maior intensidade os valores propostos pelo movimento, ou seja, a unidade e a partilha dos bens.

Hoje, elas fazem parte dos cinco continentes e são trinta e cinco, cada uma tendo características do local onde estão inseridas. Guimarães (2006) acrescenta, ainda:

Na República dos Camarões, Quênia e Costa do Marfim, elas são cidades-modelo, nas quais se faz presente a cultura do Movimento nas sociedades africanas enriquecendo-se da cultura local.

No Brasil, a Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista – SP, e na Argentina, com seus pólos industriais, são modelos da nova “Economia de Comunhão na Liberdade”.

Nas Filipinas, caracteriza-se pelo diálogo com as grandes religiões orientais.

A Mariápolis da Alemanha possui um timbre ecumênico, convivem luteranos e católicos.

Nos arredores de Nova Iorque, encontra-se a Mariápolis Luminosa, que procura ser modelo do diálogo entre raças e culturas diferentes.

No Brasil, além da Mariápolis Ginetta, tem-se a Mariápolis Santa Maria, localizada em Recife/PE e a Mariápolis Glória, situada em Belém/PA.

Em relação ao campo econômico do movimento, tem-se o projeto de EdC que se baseia na cultura da partilha, na formação de “homens novos” e na distribuição diferenciada do lucro.

2.5.3 As origens e a base da Economia de Comunhão

O projeto de Economia de Comunhão originou-se em uma visita de Chiara Lubich a São Paulo, em maio de 1991, quando observou o agravo dos contrastes sociais ocorridos desde sua última visita ao país.

Além da pobreza existente na cidade visitada, percebeu que, devido ao crescimento do Movimento dos Focolares no Brasil, a comunhão de bens não conseguia mais suprir algumas das necessidades mais urgentes de seus membros. Assim, imaginou a criação de empresas que produzissem riquezas para serem colocadas em comum, diminuindo assim as dificuldades existentes.

As empresas seriam confiadas a pessoas competentes e capazes de obter lucros através de sua gestão e estas deveriam nascer próximas às cidades-testemunho, formando um pólo produtivo empresarial que contribuísse para o sustento de seus habitantes. (LUBICH, 2004).

Assim, Lubich (2004) acrescenta que os lucros devem ser divididos em três partes: uma parte para incrementar a empresa; outra para ajudar pessoas necessitadas que procurem um trabalho; e, a última, para formação de “homens novos”.

O projeto de Economia de Comunhão baseia-se, ainda, em uma nova cultura chamada “cultura da partilha” ou “cultura do dar”. Para Bruni (2005, p. 33),

A *cultura* do dar é uma cultura do *dar-se* e da gratuidade, e significa formar e formar-se de modo a permitir a interiorização de comportamentos assumidos, não pelos benefícios que trazem, mas pelo valor intrínseco que lhe é atribuído, depois de ter-se experimentado, na própria vida, sua bondade e veracidade.

As empresa coligadas⁴ à EdC colocam no centro das atividades empresariais o homem e o bem estar comum. Desta forma, “[...] os sócios das empresas, os empresários, os trabalhadores e os pobres são parte integrante de um conjunto, de uma mesma comunidade na qual todos são irmãos [...]” e “embora com papéis e funções diferentes, todos são construtores de uma sociedade mais justa, na qual acultura da partilha impregna cada aspecto da vida”. (MULATERO, 2001, p.12).

Assim, a finalidade da EdC liga-se diretamente ao objetivo do Movimento dos Focolares, a partilha dos bens e a unidade.

2.5.3.1 Pólo Empresarial Spartaco

Os pólos produtivos são compostos por empresas de EdC. Nasceram também da intuição de Lubich (2004), quando procurava uma solução para a diminuição das desigualdades sociais e de formas mais dignas de vida para todos.

O Brasil é o primeiro país a ter implantado um pólo empresarial e é visto como uma espécie de experiência-piloto. O Pólo Spartaco, como é chamado, localiza-se na cidade de Cotia/SP, próximo a Mariápolis Ginetta.

A administração do pólo é feita pela empresa Espri S.A., que mantém a propriedade dos galpões do pólo, sendo estes alugados às empresas que se instalam no local. (BRUNI, 2005).

Além da Espri, o Pólo Spartaco é composto atualmente por seis empresas: La Tunica, KNE-Rotogine, Eco-Ar, Prodiel, AVN e Uniben e abrange outras três que estão fora do pólo devido a atividade que exercem: Escola Aurora, Policlínica Ágape e Comunione.

Segundo Bruni (2005, p. 161) “Na atividade diária das empresas, as cerca de cento e quarenta pessoas que trabalham no Pólo comprovam que é riqueza tudo o que se acrescenta ao ser humano, não só dinheiro, mas cultura, participação, realização, confiança, felicidade, desenvolvimento sustentável, ambiente”. Ressalta, além disso, a mudança em conceitos da vida empresarial, como liderança, hierarquia e equilíbrio.

Ainda há lugar no Pólo Spartaco para mais quatro empresas, que se encontram em fase de projeto.

⁴ Expressão utilizada pelo projeto para designar as empresas que participam da EdC. Diferente do conceito de empresas coligadas estabelecido no artigo 243, §1º da Lei 6.404/76: “São coligadas as sociedades quando uma participa, com 10% (dez por cento) ou mais, do capital da outra, sem controlá-la”.

2.5.4 Economia de Comunhão e a Contabilidade

As empresas de EdC são entidades que seguem as mesmas leis que regem as formas jurídicas atuais de sociedades empresárias. No entanto, alguns autores relatam a necessidade de uma contabilidade diferenciada para este tipo de empresa que necessitam demonstrar de forma mais transparente suas atitudes voltadas ao social e ao meio ambiente.

Muitas empresas atualmente utilizam o Balanço Social para demonstrar suas ações sociais e ambientais, no entanto, Ferruci (2004) ressalta que este balanço reforça a importância do lucro monetário para as empresas, não sendo, desta forma, informações prioritárias a empresa.

Porém, para as empresas de EdC, que têm o ser humano e o bem comum como centro de suas atividades, a maximização do lucro não está em primeiro lugar para a empresa. Para tanto, Ferruci (2004) assinala que

Poderia ser inventado um balanço capaz de atribuir um valor às ações em favor do bem comum que, em termos econômicos, poderia ser traduzido em investimentos a longo prazo para um futuro sustentável: investimentos em favor da empresa, mas também em favor da humanidade inteira.

Existe, ainda, a dificuldade de evidenciar os intangíveis da empresa financiados pela distribuição diferenciada do lucro.

Diante desta questão Cillerai (2004) apresenta a seguinte solução: no Balanço Patrimonial devem ser criados, nas contas do Passivo/Patrimônio Líquido, dois tipos de reservas, uma empresarial, ligada a parte do lucro investida na empresa e uma facultativa de solidariedade, que evidenciaria a parte destinada a formação de “homens novos” e ajuda aos necessitados. Para as contas do Ativo, demonstrar dois tipos de investimentos, um denominado projetos plurianuais de formação e outro, contribuições plurianuais de solidariedade.

Em relação aos custos relacionados às empresas de EdC, Ferruci (2004, p. 23) salienta que “Deveria ser considerado o aumento dos custos, necessário para que sejam mantidos e observados os ‘Princípios para a gestão de uma empresa EdC’ (ver Anexo A)”. Segue citando como exemplo “[...] a diminuição do faturamento decorrente da recusa de pedidos, motivada pela determinação de manter um compromisso comercial correto”.

Ferruci (2004) complementa afirmando a necessidade de uma “nova contabilidade” que permita um tratamento fiscal diferenciado, em decorrência da utilidade social dos investimentos feitos pelas empresas de EdC.

O Quadro 1 mostra a proposta elaborada em um encontro português para demonstrar a destinação diferenciada do lucro do projeto de EdC.

Balanco econômico reclassificado	Cota do Balanço	Cota EdC
Receitas	100	
(a maioria não previstas) - A	10	
Custos		
Custos de Pessoal	40	
(dos quais parte para formação de “homens novos”) - B	2	
Outros Custos	10	
(dos quais custos menores não previstos) - C	5	
(dos quais custos maiores para solidariedade local) - D	2	
Amortizações e Reservas (*) - E	15	15
Custos Financeiros	5	
Lucro antes do IR	30	
Impostos	9	
Lucro líquido	21	
Dividendos (**)	16	
(dos quais destinados a EdC - F	10	
Reservas - G	5	5
Balanço EdC		
Providência	A + C	15
Autofinanciamento	E + G	20
Formação de “homens novos”	B + 50% de F	7
Pobres	D + 50% de F	7
(*) Normalmente os investimentos são feitos no curso do exercício, portanto, a cota das Reservas do lucro é pouco significativa, ao passo que as amortizações exprimem como o Fluxo de Caixa consente a continuidade dos negócios e a cobertura dos novos investimentos feitos.		
(**) Os dividendos podem incluir uma parte da retribuição do empresário ou cobrir necessidades familiares imprevistas.		

Quadro 1: Proposta portuguesa de evidenciação da destinação dos lucros da EdC.

Fonte: Coelho, 2004, p. 17.

No Brasil, um estudo feito por Brandalise (2003) evidenciou que a escrituração contábil do lançamento referente à distribuição de lucro para o projeto é registrada como uma despesa do exercício, caracterizada como doações, uma vez que, não há respaldo na legislação societária para evidenciação de forma diferenciada. Brandalise (2003) acrescenta que tal fato pode constar em notas explicativas, caso haja a vontade da empresa em demonstrar maior transparência nesta realização.

Assim, percebe-se que serão necessárias novas leis e novas formas de registros contábeis, para que a contabilidade consiga atingir seu objetivo de prestar informações as empresas coligadas a EdC.

3. ECONOMIA DE COMUNHÃO NO BRASIL E NO MUNDO

Este capítulo destina-se a mostrar os dados estatísticos da EdC no Brasil e no mundo. As informações deste capítulo estão de acordo com os dados obtidos através do Centro de Estudos e Documentação da EdC, situado em São Paulo, Brasil, conforme Apêndice A.

3.1 Economia de Comunhão no mundo

A EdC está presente nos cinco continentes e embora sua origem tenha sido no Brasil, mas precisamente em São Paulo, o continente europeu é o de maior representação do projeto no mundo.

Desde a origem do projeto, em 1991, a EdC triplicou o número de empresas coligadas, tendo setecentas e cinquenta e quatro empresas em 2006, conforme mostra o Quadro 2.

CONTINENTE	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
EUROPA	132	161	208	336	430	448	477	478	469	481	486	469	455	458	468
ÁSIA	10	19	23	23	32	37	35	36	38	40	47	42	42	32	34
ÁFRICA	0	1	2	6	14	11	15	11	13	9	9	9	4	2	3
AMÉRICA	99	144	166	184	220	244	220	221	217	224	230	269	250	241	247
OCEANIA	1	3	3	5	7	7	7	15	15	15	6	8	5	2	2
TOTAL	242	328	402	554	703	747	754	761	752	769	778	797	756	735	754

Quadro 2: Evolução da EdC por continente.

Fonte: Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

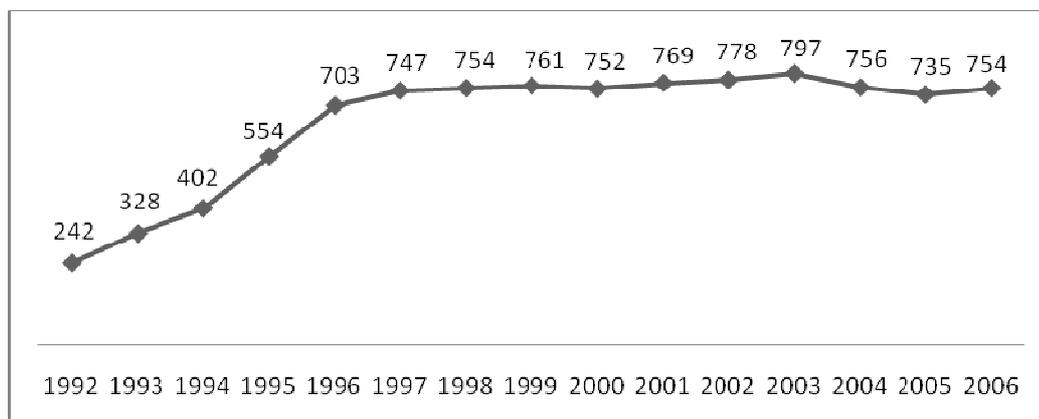


Figura 1: Evolução da EdC no mundo.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Os dados apresentados na Figura 1 demonstram que, em seu primeiro ano o projeto contava com a participação de duzentas e quarenta e duas empresas. Nos cinco anos

seguintes, ocorreu um crescimento médio anual de 31%, chegando a setecentas e três empresas em 1996.

A partir de 1997, este crescimento ficou na média de 1% até 2006, sendo que neste período a primeira queda no número de empresas coligadas foi em 2000, o que também pode ser visto na Figura 1.

Em 2003, observa-se o maior número de empresas coligadas desde a origem da EdC. No entanto, em 2004 e 2005, este número se reduziu consideravelmente, levando em conta que neste último constata-se a maior queda desde o surgimento do projeto. Porém, em 2006 foi recuperada a média que vinha demonstrando nos anos anteriores a tal decréscimo (ver Figura 1).

As setecentas e cinquenta e quatro empresas que aderiram ao projeto em 2006 são subdivididas, pelo Centro de Estudos e Documentação da EdC, de acordo com o Quadro 3.

Continente	Localização	Quantidade de empresas
EUROPA	Itália	235
	Europa ocidental	175
	Europa oriental	58
AMÉRICA	Brasil	132
	Argentina	52
	USA – Canadá	38
	America Central	25
ÁSIA	Ásia	33
	Oriente Médio	2
ÁFRICA	África	2
OCEANIA	Austrália	2
Total		754

Quadro 3: Subdivisão das empresas da EdC em 2006.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

O Quadro 3, no entanto, apresenta uma divergência nas informações referentes ao número de empresas brasileiras, uma vez que, foram confirmadas pelo Centro de Estudos, cento e vinte e três empresas que aderiram ao projeto em 2006 no Brasil, estas informações são analisadas ainda neste trabalho.

Desta forma, não obtendo informações atualizadas destes valores e a causa para tal divergência e, ainda, percebendo que tais informações estão de acordo com Quadro 2, apresenta-se o Quadro 3 para ressaltar que a diferença de nove empresas neste valor não

influência na constatação de que o Brasil é um dos locais que mais contribui para o crescimento e continuidade da EdC.

Percebe-se que existe também a diferença no número de empresas nos continentes asiático e africano, entre os Quadros 2 e 3, o que não interfere na constatação acima.

O Continente Americano, por sua vez, é o segundo continente com o maior número de empresas coligadas a EdC (ver Quadro 2), contribuindo o Brasil com 54% deste resultado, conforme mostra a Figura 2.

Considerou-se na Figura 2 os valores do Quadro 3, no entanto, utilizando a redução do Brasil para cento e vinte e três empresas, e considerando que este valor não está entre as empresas do Continente Americano, este percentual reduz para 52%. O Brasil, continua mesmo assim, sendo o principal país a contribuir para o crescimento da EdC nas Américas.

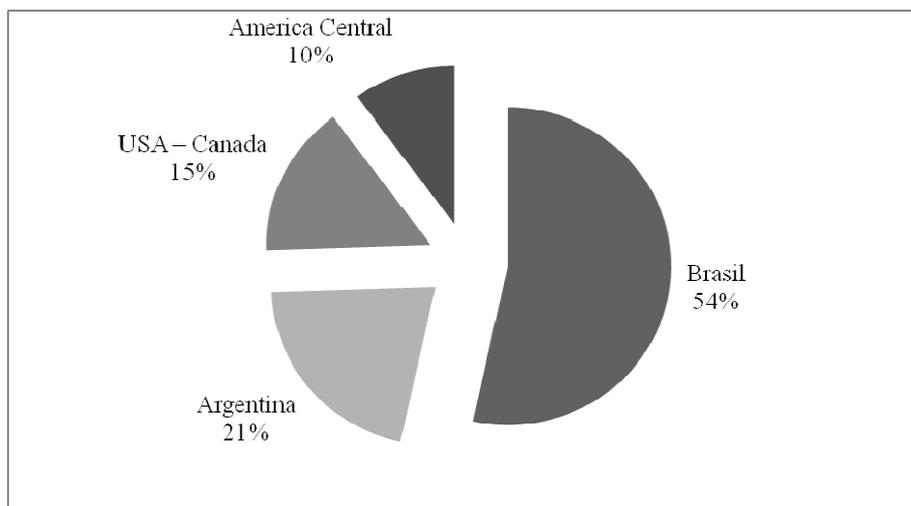


Figura 2: EdC nas Américas.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

A América do Sul, representada pelo Brasil e Argentina, totaliza 75% de participação no projeto; a América do Norte, conta com 15% e tem como países envolvidos os Estados Unidos da América e o Canadá; a América Central complementa o valor com 10%, conforme demonstra a Figura 2.

Em relação aos setores da economia, as empresas de EdC tem maior atuação em atividades ligadas a serviços, representados por 51% do total de empresas que aderiram ao projeto em 2006, no mundo, conforme demonstra a Figura 3. O total deste setor soma 70% do número total de empresas.

O setor secundário, representado por empresas industriais, conta com 26% das empresas. E o setor primário não aparece especificado nos dados obtidos (ver Figura 3).

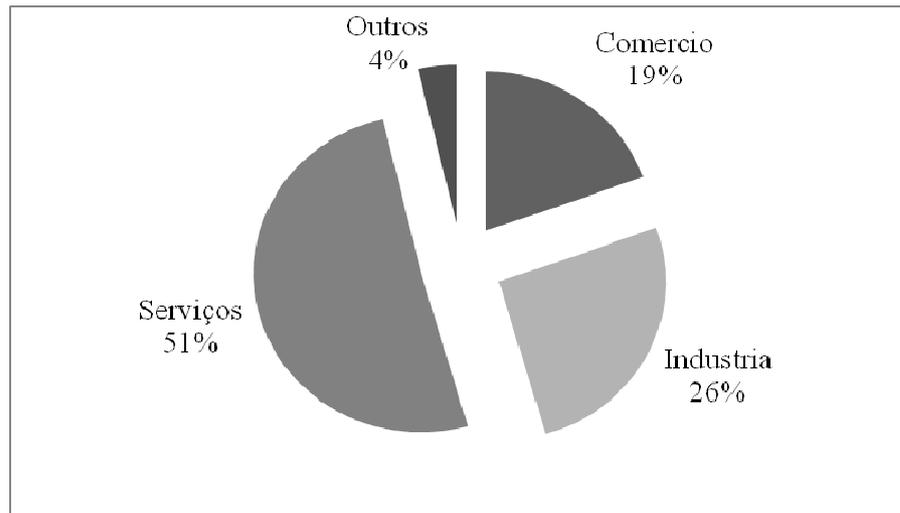


Figura 3: Empresas da EdC por setor de atuação no mundo.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

De acordo com o tipo de empresa, a Figura 4 demonstra que 39% são empresas individuais, 27% sociedades limitadas, 23% sociedades por ações, 7% cooperativas, 2% associações e 2% não são identificadas.

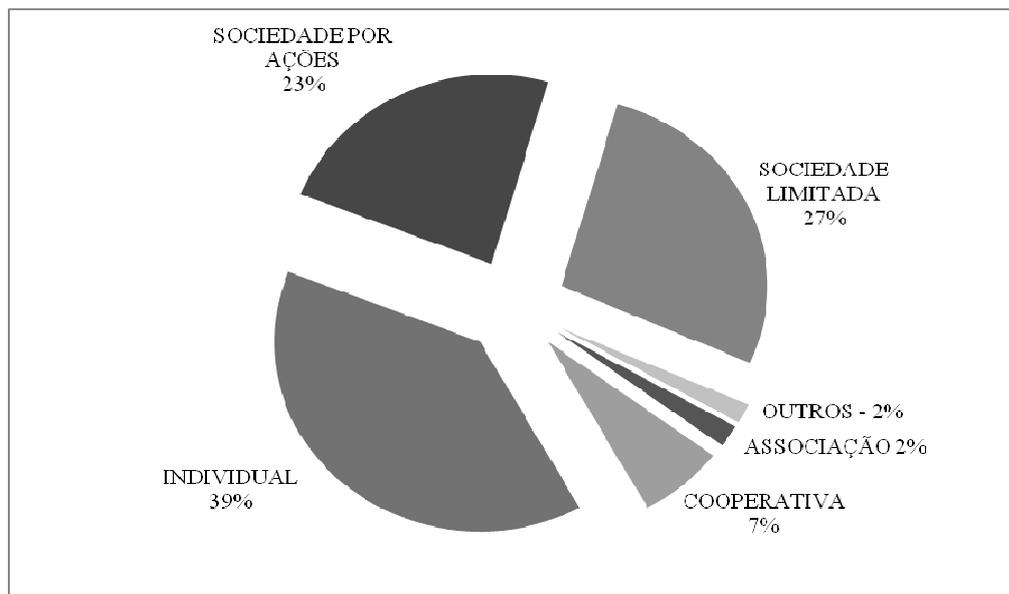


Figura 4: Tipos de Empresas da EdC no mundo.

Fonte: Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Desde 1992, o projeto de EdC expande-se nas universidades, aguçando o interesse acadêmico por esta nova forma de ver a economia e os alcances que um projeto como este pode demonstrar na construção de uma sociedade mais justa.

Desta forma, há duzentos e cinquenta e oito trabalhos acadêmicos na área de EdC, distribuídos em muitos países (ver Quadro 4) e defendidos em várias áreas de interesse.

Continentes	Nação	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Não identificado	Total
AMÉRICA	Brasil	1				2	1	2	4	7	5	12	19	22	18	12	1	2	108
	Argentina						1			3						1			5
	Bolívia						1					1							2
	Colômbia							1											1
	Equador									1									1
	Paraguai												1						
EUROPA	Itália			3	2	3	14	10	7	7	9	15	14	12	9	5	3		113
	Áustria				1				2										3
	Germânia		1	1					1										3
	Grã Bretanha					1				1									2
	Croácia											1		1					2
	Holanda							1	1										2
	Malta		1		1														2
	França			1															1
	Suíça									1									1
	Espanha													1					1
	Eslováquia									1									1
	Hungria						1												1
	República Tcheca				1														1
	Luxemburgo			1															1
Eslovênia														1				1	
ÁSIA	Coréia do Sul					1													1
	Filipinas							1											1
ÁFRICA	Costa do Marfim											1							1
	Camarões											1							1
	R.D.Congo														1				1
Total		1	2	6	5	7	18	15	15	21	14	31	34	36	29	18	4	2	258

Quadro 4: Trabalhos Acadêmicos defendidos na área da EdC.
Fonte: adaptado de www.edc-online.org.

Em relação ao Quadro 4, o Brasil e a Itália são os países com maior número de trabalhos acadêmicos, este fato pode ser devido ao projeto ter sua gênese no primeiro e ter sido fundado por uma italiana. No entanto percebe-se, ainda neste quadro, um número

considerável em outros países, porém um tanto quanto espalhados. Entre estes a Argentina é o país que mantém um número maior, porém pouco relevante.

Os anos de 2002 a 2005 foram os que mais tiveram as atenções voltadas ao estudo do projeto. O Brasil contribuiu com setenta e um trabalhos para este resultado, enquanto a Itália com cinquenta, conforme demonstra o Quadro 4.

Dos cinco continentes, apenas a Oceania não tem trabalhos escritos na área de EdC e a Europa representa mais de 50% do número total de defesas (ver Figura 5).

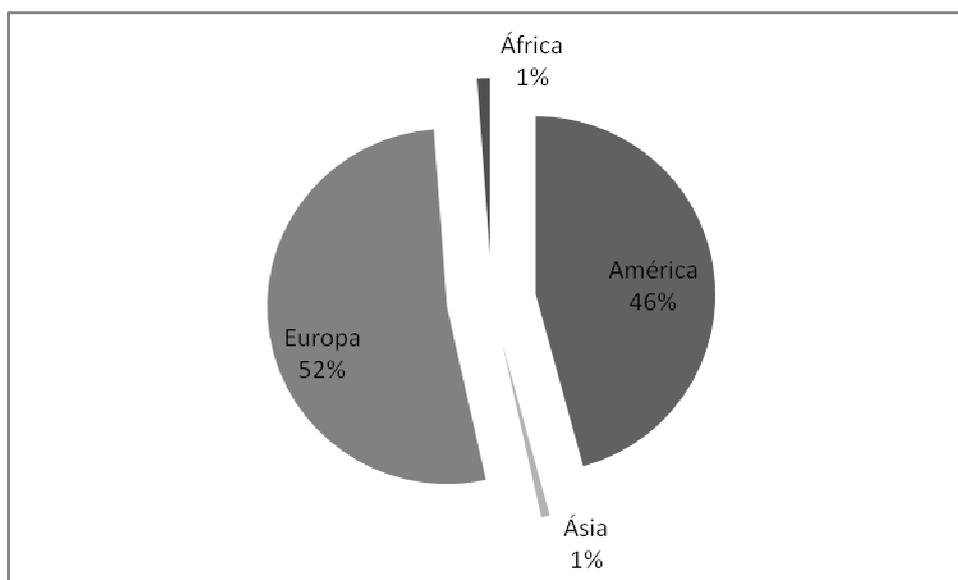


Figura 5: Trabalhos acadêmicos da EdC, por continente.
Fonte: adaptado de www.edc-online.org.

O Continente Americano representa 46% do total de trabalhos defendidos, conforme mostra a Figura 5. Todos os países que fazem parte deste resultado estão situados na América do Sul, o Brasil, por sua vez, é o país com maior representação, correspondendo a 91,5% deste continente.

No Continente Europeu, a Itália contribui com 84% dos trabalhos. Os demais continentes representam apenas 2% deste valor (ver Figura 5).

3.2 Economia de Comunhão no Brasil

Ao contrário do que aconteceu com o crescimento do número de empresas no mundo, no Brasil o maior crescimento ocorreu entre os anos de 1992 a 1993, permanecendo constante até 2002; em 2000, no entanto, acompanhou a queda ocorrida no mundo (ver Figuras 1 e 6).

ANO	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
SUDESTE	35	48	55	58	54	54	54	54	45	58	51	53	57	64	64
SUL	7	9	11	10	13	12	12	12	12	13	13	13	26	26	26
NORDESTE	11	13	12	7	8	8	9	12	11	9	10	15	14	15	15
NORTE	6	11	8	13	13	13	13	9	9	10	9	6	7	10	10
CENTRO OESTE											7	7	8	8	8
TOTAL	59	81	86	88	88	87	88	87	77	90	90	94	112	123	123

Quadro 5: Número de empresas coligadas a EdC por região.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Nota-se que a partir de 2003 houve um decréscimo no número de empresas mundiais (ver Figura 1), no entanto, o valor continuou em crescimento entre as empresas brasileiras, chegando em 2005 ao número máximo de participantes do projeto (ver Figura 6). Os dados mundiais, ao contrário, obtiveram seu pior desempenho neste ano (ver Figura 1).

Em 2006, os valores permaneceram inalterados, o que demonstra a continuidade do projeto no país, conforme pode ser visto na Figura 6.

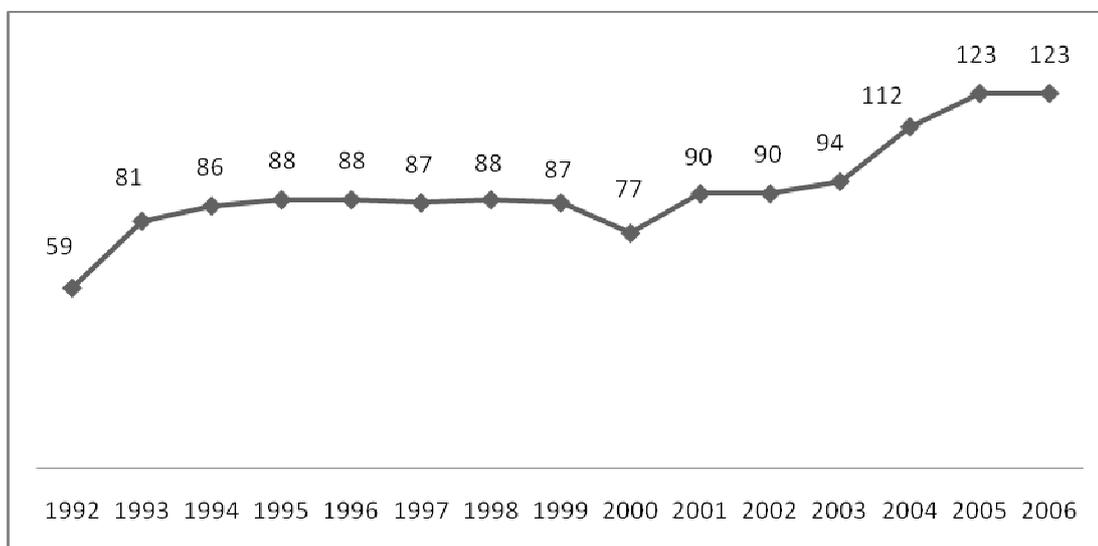


Figura 6: Evolução da EdC no Brasil.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Os valores demonstrados no Quadro 5 relativos às regiões brasileiras são abordados separadamente neste estudo.

3.2.1 Destinação dos lucros ao projeto de Economia de Comunhão no Brasil

O Brasil tem um número significativo de empresas coligadas a EdC em relação ao número total existente, no entanto, nem a metade destas empresas distribuem seus lucros ao projeto.

Somente nos anos de 1994 e 1995 mais da metade do número de empresas, 55% e 51% respectivamente, distribuíram lucros ao projeto, porém este valor não possui uma representação expressiva diante dos anos anteriores (ver Figura 7).

ANO	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
SUDESTE	15	22	31	29	22	25	17	20	19	32	22	20	20	17
SUL	3	4	4	6	5	5	5	7	5	4	10	8	8	8
NORDESTE	3	8	5	4	2	4	0	1	1	4	2	1	1	0
NORTE	4	5	7	6	9	5	4	2	5	3	3	1	1	2
CENTRO OESTE											5	5	5	4
TOTAL	25	39	47	45	38	39	26	30	30	43	42	35	35	31

Quadro 6: Número de empresas coligadas que enviaram lucros a EdC por região.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Através da Figura 7, nota-se que embora o número de empresas tenha aumentado a partir de 2003, o número destas que distribuíram seus lucros reduziu.

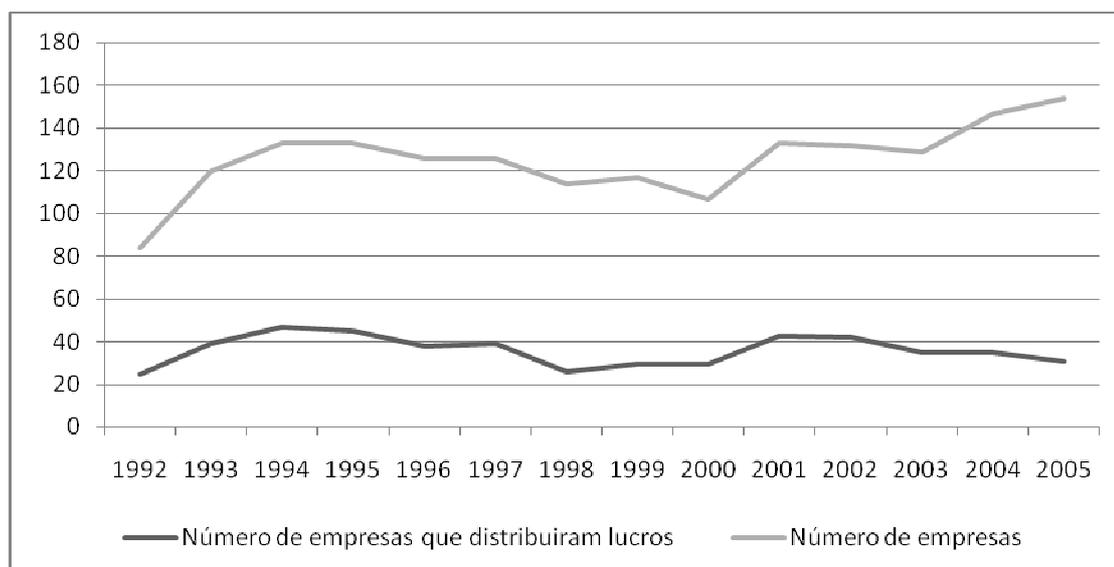


Figura 7: Número de empresas que distribuíram lucros a EdC.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Em relação aos valores destinados, em dólares, o ano de 1995 foi o de maior destinação dos lucros ao projeto (ver Figura 8), o que pode ser explicado pelo percentual acima de 50% de empresas que resolveram contribuir para a EdC.

Em 2002/2003, com a redução de 17% das empresas que enviaram lucros ao projeto, houve uma redução de 33% nos valores destinados. Porém, mesmo tendo permanecido em queda o número de empresas até 2005, os valores aumentaram. Tal fato demonstra que as empresas destinaram um valor maior do que vinham enviando.

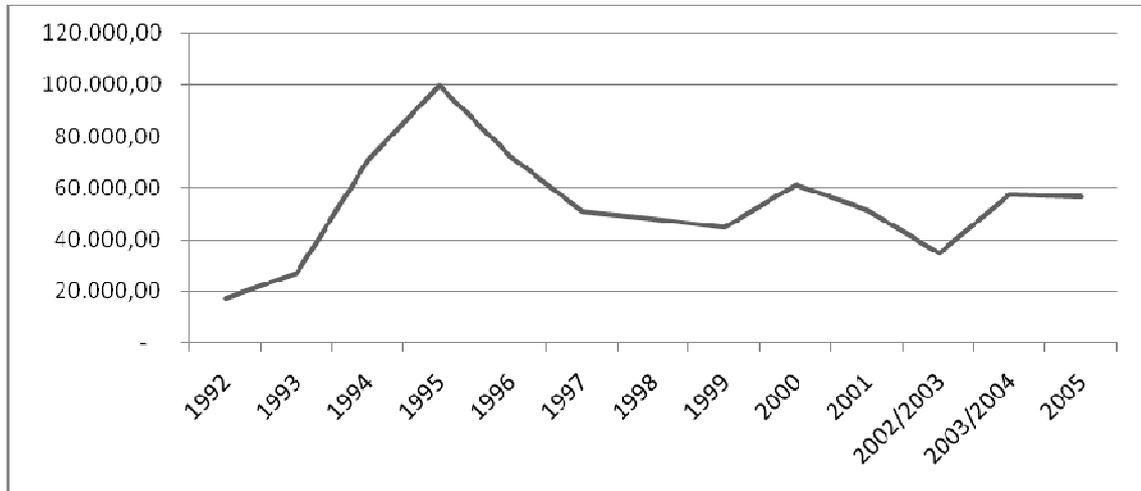


Figura 8: Valores, em dólares, destinados a EdC.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Ressalta-se que não existe um percentual, estipulado pelo projeto, para destinação dos lucros e que as empresas coligadas não são obrigadas a tal atitude. Isso pode ser visto quando observado que nem a metade das empresas contribuem para a EdC através da distribuição dos lucros.

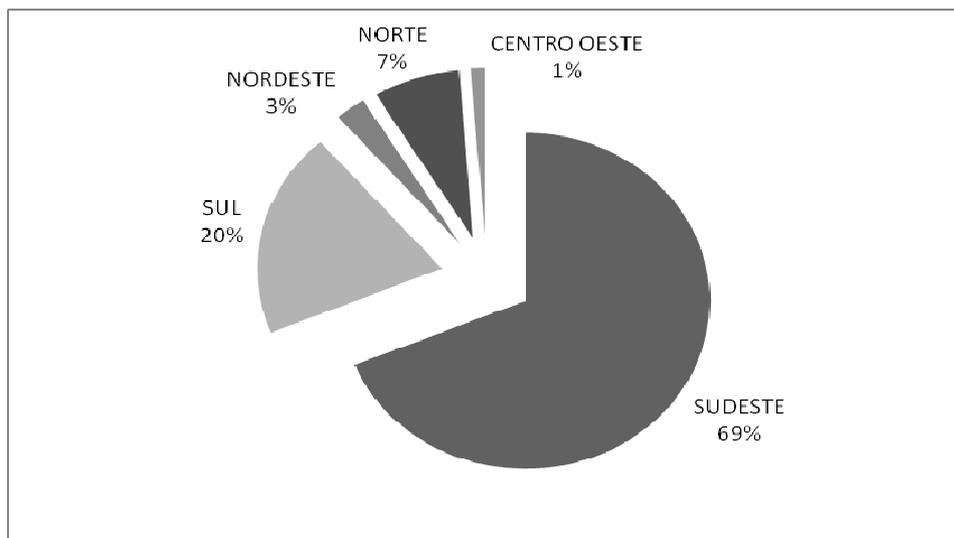


Figura 9: Valores, em dólares, destinados a EdC, de 1992 a 2005, por região.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Ainda sobre os valores enviados, analisando-se os dados de 1992 a 2005, a região sudeste do país contribui com 69% do valor total destinado; a região sul com 20%; e as outras somam 11% (ver Figura 9). A região centro oeste, por sua vez, passou a participar da destinação somente em 2002 e conta com 1% do valor, neste período.

3.2.2 Economia de Comunhão nas regiões brasileiras

Verifica-se, agora, a distribuição das empresas coligadas ao projeto nas regiões brasileiras, as cidades envolvidas e o ramo de atuação das mesmas.

3.2.2.1 Região Sudeste

A região sudeste foi a primeira a conhecer o projeto de EdC, afinal São Paulo é a cidade que atrai a atenção de Chiara Lubich para as grandes diferenças sociais de um país tão rico quanto o Brasil.

Desta forma, esta é a região que possui 52% do total de empresas cadastradas no país, distribuídas conforme o Quadro 7.

Estado	Cidade	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Não identificado	Total
MG	Belo Horizonte		1													1		2
	Divinópolis				1													1
MG Total			1		1											1		3
RJ	Rio de Janeiro		1															1
RJ Total			1															1
SP	Araçatuba				1													1
	Assis		1															1
	Botucatu	1				1												2
	Campinas										1							1
	Cerquillo														1			1
	Cotia - Pólo Spartaco	2				2				2			1					7
	Itu	1	1	1									1		2			6
	Limeira									1								1
	Piracicaba	1	1	1								1			1			5
	Ribeirão Preto				1							1			1			3
	Salto	1					1					1						3
	Santo André		1															1
	São José do Rio Pardo		3		1							1						5
	São José dos Campos		1							2			2	1				6
	São Paulo		1	1							1		1	1		1	1	2
Vargem Grande Paulista	1	1	1					1			1					2		7
Votuporanga											1							1
SP Total		7	10	4	3	3	1	1	2	4	4	6	4	1	5	3	2	60
Total geral		7	12	4	4	3	1	1	2	4	4	6	4	1	5	4	2	64

Quadro 7: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região sudeste.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Os dados do Quadro 7 apresentam que dos quatro Estados que fazem parte da região sudeste, apenas o Espírito Santo não possui participação de empresas no projeto. Minas Gerais e Rio de Janeiro têm um número reduzido, em relação ao Estado de São Paulo, representando 6% desta região.

São Paulo é o Estado com o maior número de empresas coligadas a EdC, em relação a todas as regiões brasileiras. As cidades de São Paulo, Cotia e Vargem Grande Paulista são as que possuem maior participação no projeto (ver Quadro 7).

A região sudeste, ainda, teve um número maior de adesões no ano de 1992 (ver Quadro 7), o que pode demonstrar a continuidade das mesmas no mercado.

3.2.2.1.1 Região Ginetta

Na Região Sudeste, em Vargem Grande Paulista/SP, situa-se a Mariápolis Ginetta, cidade testemunho do Movimento dos Focolares no Brasil. Devido a tal fato, os dados são separados dando ênfase às cidades que fazem parte da região próxima a esta Mariápolis, chamada Região Ginetta, onde também está localizado o Pólo Spartaco.

Estado	Cidade	1991	1992	1993	1995	1996	1997	1999	2000	2001	2002	2004	2005	Total
SP	Cerquillo											1		1
	Cotia - Pólo Spartaco	2			2			2			1			7
	Itu	1	1	1							1	2		6
	Salto	1				1				1				3
	Vargem Grande Paulista	1	1	1			1		1				2	7
Total geral		5	2	2	2	1	1	2	1	1	2	3	2	24

Quadro 8: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região ginetta.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

A Região Ginetta é formada pelas cidades de Cerquillo, Cotia, Itu, Salto e Vargem Grande Paulista, conforme pode ser visto no Quadro 8. Esta região representa 37,5% do total de empresas do Estado de São Paulo. O ano de origem do projeto foi exatamente o que mais teve empresas que aderiram a EdC.

Quase todas as cidades tem grande representação no projeto (ver Quadro 8), concretizando assim os objetivos da EdC de montar empresas próximos as Cidades Testemunhos.

Estes dados diferem das informações obtidas do Escritório da EdC no Brasil, pois a empresa Espri S/A, criada para construir e administrar o Pólo Spartaco, não consta na lista da

região ginetta. No entanto, pela importância da mesma na história da EdC, inclui-se esta informação. Ainda, elimina-se uma empresa na região sudeste, devido à duplicidade desta na planilha obtida. Tais modificações não causam prejuízos no total das empresas do Estado de São Paulo.

3.2.2.2 Região Sul

A região sul é composta por três Estados e todos possuem empresas coligadas a EdC.

Santa Catarina conta com o menor número de empresas, apenas três, sendo que a adesão destas teve início em 1998, sete anos após a gênese da EdC.

Das empresas que fazem parte deste Estado, duas encontram-se em Joinville e uma na Palhoça. Na primeira, está localizada a Metal Sul, uma empresa industrial estudada por Chiarello (2005). Na segunda, tem-se a Encantabrasil Tur, uma agência de turismo que é estudada neste trabalho.

Estado	Cidade	1992	1994	1995	1996	1998	2001	2002	2003	2004	2005	Total
PR	Apucarana								1			1
	Colombo										1	1
	Curitiba	1				1				1		3
	Guarapuava		1							1		2
	Ibiporã									1		1
	Maringá								1			1
	Nova Londrina				1							1
	Pinhais							1				1
	Ponta Grossa					1	2		2			5
	Rebouças			1								1
Sapopema								1			1	
PR Total		1	1	1	1	2	2	2	4	3	1	18
RS	Bento Gonçalves				1	1						2
	Cachoeira do Sul						1					1
	Caxias do Sul									1		1
	Lageado						1					1
RS Total					1	1	2			1		5
SC	Joinville					1	1					2
	Palhoça								1			1
SC Total						1	1		1			3
Total geral		1	1	1	2	4	5	2	5	4	1	26

Quadro 9: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região sul.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Ressalta-se que os dados obtidos no Centro de Estudos declaram que a Encantabrasil Tur situa-se em seu endereço antigo, São José.

Curitiba, capital do Estado do Paraná, foi a primeira cidade a aderir a EdC, em 1992. A partir deste ano, o Estado possui dezoito empresas cadastradas (ver Quadro 9) e representa 69% do total de empresas desta região.

O Estado do Rio Grande do Sul, por sua vez, teve sua primeira adesão em 1996, dois anos antes de Santa Catarina, e possui quatro cidades participantes, conforme mostra o Quadro 9.

Os anos de 2001 e 2003 foram os que mais tiveram novas empresas se coligando ao projeto, na Região Sul.

3.2.2.3 Região Nordeste

Dos nove Estados da região nordeste, quatro têm uma participação pouco expressiva no projeto e um, contribui com 67% do total desta região.

A maior participação é de Pernambuco, este fato é devido à localização em Recife da Mariópolis Santa Maria, outra cidade testemunho do Movimento dos Focolares no Brasil. Este Estado foi o primeiro a aderir ao projeto, em 1991 (ver Quadro 10).

Estado	Cidade	1991	1992	1995	1998	1999	2002	2003	2004	2005	Total
AL	Maceió					1			1		2
CE	Fortaleza					1					1
PB	João Pessoa							1			1
PE	Igarassu						1			2	3
	Recife	1	1	1	1		2	1			7
PE Total		1	1	1	1		3	1		2	10
SE	Itabaiana		1								1
Total geral		1	2	1	1	2	3	2	1	2	15

Quadro 10: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região nordeste.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

De acordo ainda com o Quadro 10, os demais Estados iniciaram sua participação em 1999, oito anos após a origem da EdC, com exceção do Sergipe que aderiu em 1992.

A região nordeste representa 12% do valor total brasileiro de empresas que conhecem o projeto.

3.2.2.4 Região Norte

Em Belém/PA, está localizada a terceira cidade testemunho do Movimento dos Focolares, a Mariápolis Glória. E, seguindo o exemplo das demais regiões, possui o maior número de empresas coligadas a EdC, conforme demonstra o Quadro 11.

Estado	Cidade	1991	1992	1994	1995	1999	2003	2005	Total
AM	Manaus		1		1				2
AP	Macapá	1						1	2
MA	Açailândia							1	1
PA	Belém		1					1	2
	Benevides			1					1
	Castanhal					1			1
PA Total			1	1		1		1	4
RN	Cerejeiras						1		1
Total geral		1	2	1	1	1	1	3	10

Quadro 11: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região norte.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Esta região conta com 8% do total de empresas do país, sendo que cinco dos sete Estados desta região participam do projeto. A maior adesão ocorreu em 2005.

3.2.2.5 Região Centro Oeste

A capital do país, Brasília, é uma das cidades com o número mais expressivo de empresas participantes do projeto. Equipara-se neste valor com as cidades próximas as Mariápolis, sendo inferior apenas a cidade de São Paulo, ver Quadros 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

Estado	Cidade	1992	1993	1997	1999	2001	2003	Não identificado	Total
DF	Brasília	1	1	1	1	1	1	1	7
GO	Goiânia				1				1
Total geral		1	1	1	2	1	1	1	8

Quadro 12: Adesão, por ano, das empresas a EdC na região centro oeste.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

Apenas Goiânia, capital de Goiás, é a cidade desta região que possui empresas participantes do projeto.

3.2.3 Setores da economia em empresas de Economia de Comunhão

Os três setores da economia (primário: agricultura e pecuária; secundário: indústria; e terciário: comércio e serviços) estão presentes entre as cento e vinte e três empresas brasileiras coligadas a EdC.

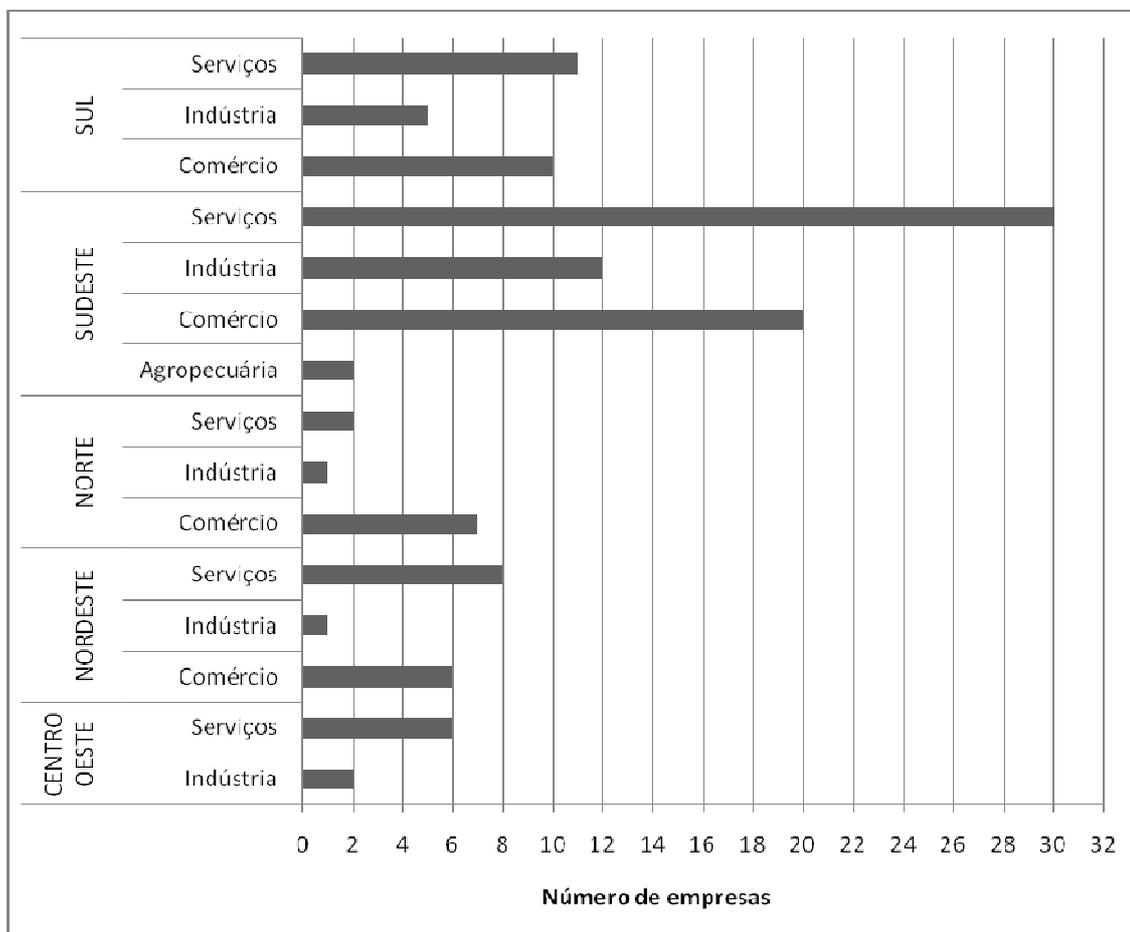


Figura 10: Setores de atividade e empresas coligadas a EdC no Brasil.

Fonte: adaptado de Escritório Central da EdC, São Paulo, Brasil (ver Apêndice A).

O setor primário está presente apenas na Região Sudeste e representa 2% do total das empresas. As duas empresas que compreendem este setor estão ligadas a atividade de agropecuária, sendo que uma delas situa-se na Região Ginetta, na cidade de Salto e a outra em São Paulo.

O setor de serviços tem a maior representação dos quatro ramos, composto por cinquenta e sete empresas que representam 46% do número total. Com exceção da Região Norte todas as outras regiões tem o maior número de empresas representadas por este ramo, conforme demonstra a Figura 11. Em relação às atividades do mesmo, os serviços de assessoria, consultoria e contabilidade são os que têm maior representação, vindo em seguida as atividades relativas à saúde.

Das duas empresas de turismo que fazem parte deste setor, uma delas é a Encantabrazil Tur, localizada em Santa Catarina, no município de Palhoça.

O comércio, por sua vez, está distribuído entre as atividades de livrarias e papelarias, confecções, informática, entre outros. Este possui quarenta e três empresas, representando 35% do total. Apenas na Região Norte estas atividades excedem o valor do de serviços. Em Santa Catarina, na cidade de Joinville, tem-se um comércio de confecção.

Com 17% do valor geral, têm-se vinte e uma empresas ligadas a indústria, sendo que destas, doze fazem parte da região sudeste. Das indústrias que compõem esta última região, sete delas localizam-se na Região Ginetta. Suas atividades estão relacionadas à alimentação, confecção, indústria química, pesada, entre outras.

Entre as quatro indústrias pesadas, duas fazem parte da região sul. A Empresa Metal Sul é uma delas e está localizada em Joinville, Santa Catarina. A outra se situa em Sapopema/PR.

Das vinte e quatro empresas que fazem parte da Região de Ginetta, 54% são de serviços, 29% indústria, 13% comércio e 4% agropecuária. O Pólo Spartaco possui três indústrias na área química e uma em confecção, ainda é formado por duas prestadoras de serviços, sendo uma delas a Espri S/A, e uma empresa ligada ao comércio.

3.3 Trabalhos acadêmicos em Economia de Comunhão

Os dados apresentados correspondem a uma amostra dos trabalhos acadêmicos elaborados sobre o tema de Economia de Comunhão. Tais informações estão disponíveis na página oficial do projeto – www.edc-online.org. Observa-se que os trabalhos da Universidade Federal de Santa Catarina não estão publicados neste site. Estes são citados neste estudo, mas não compõem a análise dos dados.

No Brasil, a EdC está presente em trabalhos acadêmicos de cursos de Administração, Ciências Contábeis, Economia, Direito, Filosofia, Psicologia, entre outros.

O Quadro 13 mostra a separação dos trabalhos por região brasileira. Neste quadro, têm-se cinco trabalhos cujas informações estavam incompletas no site. Embora haja a alternativa de visualização dos trabalhos na íntegra, estes não se encontram disponíveis para visualização.

No total são cento e oito trabalhos acadêmicos defendidos na área de EdC no Brasil. Destes, 45% estão presentes na região sudeste, 21% na região nordeste, 19% na região sul,

9% na região norte, 1% na região centro oeste e 5% não foram identificados, conforme citado acima.

Região	Estado	1992	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total
Sudeste	ES							1	1		1				3
	MG							1		1					2
	RJ								1		1	3	2		7
	SP	1		1	1	3	3	1	4	9	7	4	3		37
Total		1		1	1	3	3	3	6	10	9	7	5		49
Nordeste	AL						1								1
	BA										1		1		2
	CE								1	1	1		2		5
	MA													1	1
	PB							1	1	2					4
	PE						1			1		1	1		4
	PI										1				1
	RN									2	1	1			4
SE									1					1	
Total							2	1	2	7	4	2	4	1	23
Sul	PR				1		1		1	1	5	3	1		13
	RS					1									1
	SC		1				1	1			2	1			6
Total			1		1	1	2	1	1	1	7	4	1		20
Norte	AC											1			1
	AM									1		1	1		3
	PA								1		2	1	1		5
	RO											1			1
Total									1	1	2	4	2		10
Centro-Oeste	GO								1						1
Total									1						1
Trabalhos não identificados															5
Total geral		1	1	1	2	4	7	5	11	19	22	17	12	1	108

Quadro 13: Trabalhos acadêmicos por regiões brasileiras defendidos na área de EdC.
Fonte: adaptado de www.edc-online.org.

O Estado de São Paulo compreende 34% do total de trabalhos acadêmicos. As universidades com maior representação são: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP; Universidade de São Paulo – USP; e, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O Estado de Santa Catarina, conta com quase 6% destes, defendidos nas universidades relacionadas:

- ✓ Faculdades Associadas de Santa Catarina – FASC;
- ✓ Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB;
- ✓ Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC;

- ✓ Universidade do Extremo Sul Catarinense⁵;
- ✓ Universidade Estácio de Sá;

A maioria destes trabalhos refere-se ao curso de administração.

Ressalta-se que, em 2005, houve a defesa de uma monografia na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ciências Contábeis que não consta nos registros da página destinada a publicação dos trabalhos em EdC e por isso não foi incluída no Quadro 13.

Nota-se, ainda, que a dissertação defendida na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, aparece cadastrada na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Devido a esta divergência a UFSC não consta na lista de dados obtida.

Na área de Ciências Contábeis, são oito os trabalhos defendidos. Destes têm-se três monografias defendidas em 2005; quatro dissertações defendidas em 2000, 2003, 2004 e 2005 e a uma tese, defendida em 2003, na Universidade de São Paulo – USP, cujo autor é o Dr. Luiz Antonio Brandalise, com a orientação do Dr. Sérgio de Iudícibus.

Segundo Souza (2001, p.10) “De acordo com a estrutura de ensino superior brasileira, o ensino universitário pode ser realizado em dois níveis: 1) graduação e 2) pós-graduação”. Ressalta, ainda, que na pós-graduação existem dois enfoques: no primeiro, chamado de *lato sensu*, são oferecidos cursos de especialização e aperfeiçoamento; no segundo, chamado de *stricto sensu*, são realizados cursos de mestrado e doutorado. (SOUZA, 2001).

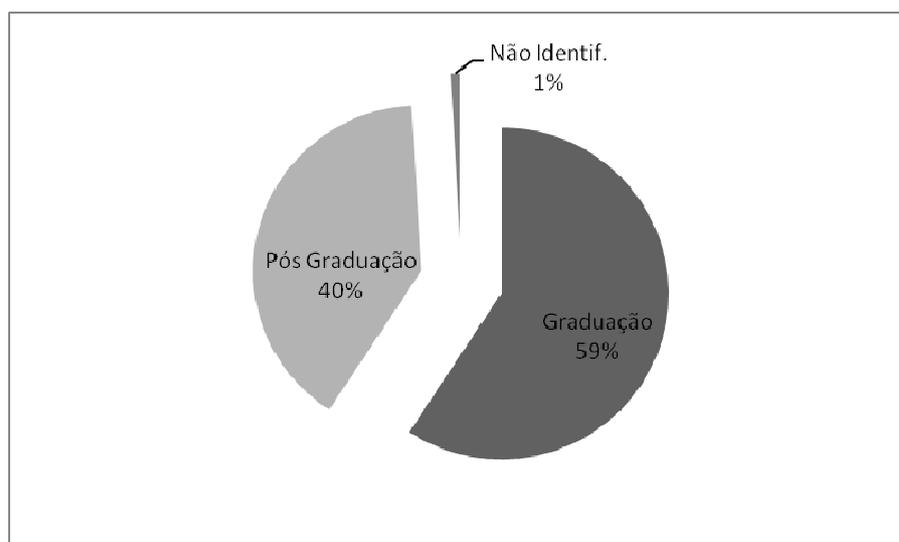


Figura 11: Trabalhos acadêmicos defendidos na área de EdC no Brasil.

Fonte: adaptado de www.edc-online.org.

⁵ Esta universidade cadastrada não está de acordo com as informações contidas no trabalho acadêmico que se referem a UFSC.

Desta forma, a Figura 12 demonstra que 59% dos trabalhos acadêmicos são de graduação, 40% de pós-graduação e 1% não é possível identificar devido à falta de informações no site pesquisado e na internet.

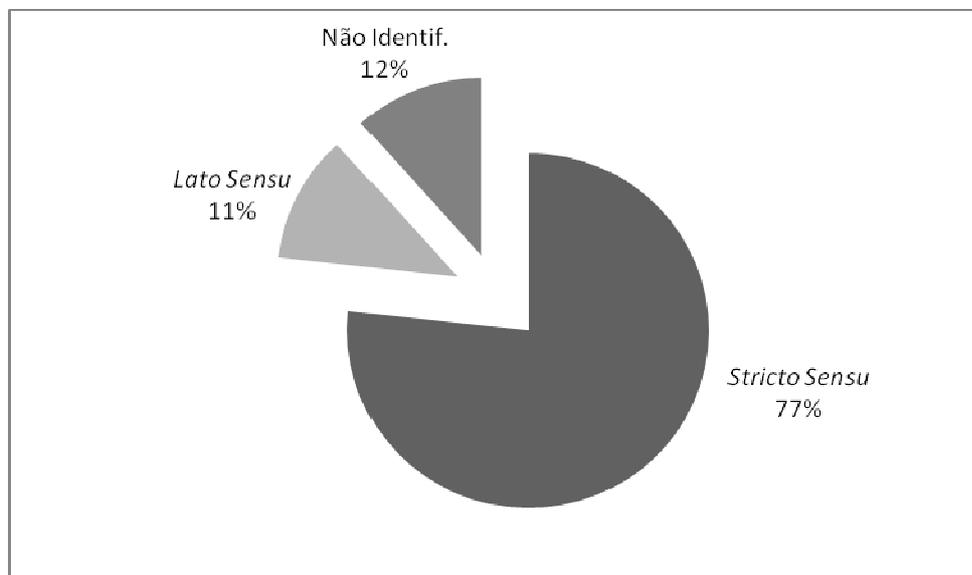


Figura 12: Enfoques dos trabalhos de pós-graduação na área de EdC no Brasil.
Fonte: adaptado de www.edc-online.org.

Em relação aos trabalhos de pós-graduação, a Figura 12 ressalta que 77% estão voltados ao mestrado e doutorado, sendo que o primeiro representa 65% deste valor. Os cursos de especialização correspondem a 11% e, 12% dos trabalhos não são identificados devido a problemas na página de publicações e a falta de informações na internet.

Nota-se, desta maneira, que embora sejam poucos os trabalhos acadêmicos nesta área, existe uma preocupação e grande curiosidade das pessoas em estudar o projeto de EdC verificando suas contribuições para a sociedade, assim como o crescimento das empresas coligadas a este.

3.4 Encantabrazil Tur: uma empresa de Economia de Comunhão

As informações descritas são verbais e fornecidas em entrevista ao sócio-gerente da empresa Encantabrazil Tur, localizada na cidade de Palhoça/SC. Têm como base as perguntas apresentadas no Apêndice B, respondidas quando realizada a visita na empresa.

A Encantabrazil Tur iniciou suas atividades em março de 2002, no município de São José/SC. Teve origem pela vontade de um dos sócios de ter seu próprio negócio e pela afinidade com o setor de turismo, onde havia trabalho alguns anos.

Em novembro de 2006, mudou sua sede para Palhoça/SC, onde possui um escritório que conta com a colaboração de um funcionário e dois sócios. Além destes, a empresa também contrata monitores para auxiliar nas viagens. Estes são contratados de acordo com as necessidades da empresa, como serviços temporários e seguem a filosofia de trabalho da Encantabrazil Tur.

Os serviços prestados pela empresa estão exclusivamente ligados a Viagens Pedagógicas, nestas viagens a agência desenvolve uma proposta diferenciada com a elaboração de roteiros criativos e dinâmicos, dirigidos ao enriquecimento cultural e a educação sócio-ambiental dos seus participantes.

Além das viagens pedagógicas, voltadas ao conhecimento prático das aulas teóricas, a Encantabrazil Tur faz viagens de formaturas. Aqui o sócio-gerente da empresa afirma que são incluídas visitas culturais para engrandecer a viagem, intercalando um dia de lazer e um dia de cultura, conforme o mesmo esclareceu.

Desta forma, não são feitas pela agência viagens para festas puramente de lazer, sem um cunho cultural, afinal este tipo de viagem não condiz com o pensamento da empresa.

Senhor Pina, sócio-gerente da empresa, quando perguntado como conheceu a EdC e o que levou a Encantabrazil Tur a aderir ao projeto, conta que é natural de Belém/PA, local onde está localizada uma das cidades testemunhos do Movimento dos Focolares, a Mariápolis Glória. Com a chegada de sua terceira filha, passava por dificuldades financeiras, pois ainda era empregado de uma empresa de turismo na qual seu salário não conseguia suprir a chegada de mais um integrante para a família. Neste momento, o Movimento dos Focolares veio ao seu encontro e lhe ofereceu ajuda. Esta foi aceita até conseguirem se estabilizar novamente.

Ressalta, ainda, que esta ajuda sempre foi muito discreta pelas pessoas dos Focolares, não fazendo os ajudados passarem por situações de constrangimentos perante os outros.

Percebe-se, assim, na prática, aquilo que se vê na EdC quando afirmam não serem atitudes voltadas a filantropia, mas sim, ajuda aos necessitados até consigam formas mais dignas de viver.

Estimulado pela vontade de retribuir a ajuda recebida e pelo desejo de construir uma sociedade nova e um mundo melhor, em 2003 aderiu ao projeto de EdC. Afirma que ainda se encontra em fase de aprimoramento das idéias do projeto.

Responde que depois da adesão ao projeto, sentiu um senso maior de responsabilidade, empenhando-se em renovar suas relações no atendimento aos clientes, primando sempre pela qualidade dos serviços prestados e pela ética.

Ressalta que esta forma de agir e pensar o fez ganhar a preferência de alguns clientes e até a mesmo a confiança destes.

Entretanto, quando perguntado de suas obrigações através do pagamento de tributos, informou que alguns deles relativos ao ano de 2006 encontram-se atrasados, porém estão sendo colocados em dia até o final deste ano.

Com relação ao meio ambiente, são feitas viagens que tentam passar a conscientização diante de acontecimentos ambientais em locais de preservação permanente e até mesmo onde ocorrem desastres e a preocupação com a extinção da fauna e flora brasileira.

A relação estabelecida com seus fornecedores é de fidelidade e dentro dos valores empresariais.

Em relação ao seu colaborador, existe uma relação aberta quanto às decisões da empresa, procurando o equilíbrio destas em conversas com o mesmo e com a outra sócia. Há, também, a participação dos lucros e uma preocupação com a motivação deste.

São feitas, ainda, reuniões para falar sobre a EdC e a leitura em conjunto dos livros sobre o projeto, mas senhor Pina afirma que gostaria de fazer isto com maior regularidade, porém o tempo se torna um pouco curto com o andamento das atividades da empresa.

Em resposta sobre o pensa seu colaborador a respeito da EdC e se houve alguma resistência deste quanto as idéias do projeto, ressaltou que não tiveram problemas, uma vez que o mesmo participa do Movimento e concorda com a forma de pensar da EdC. Inclusive os dois participaram do último Congresso sobre EdC realizado neste ano para aprimorarem as idéias a serem colocadas em prática na empresa.

Quanto aos planos futuros, sendo uma empresa participante do projeto de EdC, a Encantabril Tur tem preocupações em difundir a EdC. Para tanto, senhor Pina e uma psicóloga, preocupada com a descoberta da vocação de seus alunos, montaram um projeto com o objetivo de mostrar uma visão do mundo financeiro e dos modelos de economia.

Este projeto é uma viagem a São Paulo, tendo sua chegada no Centro de encontros do Movimento dos Focolares, em Vargem Grande Paulista, mais precisamente na Mariápolis Ginetta. Lá será apresentada a Economia de Comunhão, e feitas visitas em cinco das empresas que fazem parte do Pólo Spartaco, a KNE-Rotogine, Eco-Ar, Prodiel, La Túnica e AVN.

Ainda, com intuito de difundir a EdC, a página da internet da empresa (em construção) terá um link de notícias sobre o projeto.

Existe também a intenção de alcançar um número maior de escolas públicas, sendo que hoje a maioria das viagens é entre as escolas privadas.

A empresa, por sua vez, não faz a distribuição do lucro de acordo com o projeto que o divide em três partes, porém desde abril deste ano vem contribuindo mensalmente com o projeto. O valor é escolhido de forma aleatória, sendo que antes, as contribuições não eram mensais e aconteciam em uma única parcela com valor maior do que hoje é destinado.

Estas contribuições ainda não foram registradas na contabilidade da empresa, que é feita por um escritório de contabilidade, pois não houve o recebimento dos recibos. Além disso, não se sabe como isso será registrado, uma vez que não conversou com o seu contador sobre tal fato.

Em fim, senhor Pina, não demonstrou conhecer o Balanço Social e afirmou que “o agir deve ser de Economia de Comunhão e não as palavras”.

3.5 Alterações no Modelo de Balanço Social GRI para empresas de EdC

As empresas de Economia de Comunhão são representadas por entidades que têm como base a responsabilidade social e atitudes éticas voltadas a todos os relacionamentos empresariais externos e internos. Buscam a redução das desigualdades sociais, através da distribuição do lucro proposta pelo projeto, a preservação do meio ambiente e a formação de indivíduos que tenham uma nova forma de pensar e agir a economia.

Desta forma, tais empresas necessitam de uma demonstração que possa evidenciar suas ações na busca da transformação social e apresentar a EdC a todos.

Hoje, o Balanço Social tem sido utilizado por muitas empresas para ressaltar suas atividades sociais e ambientais, esta demonstração pode também fazer parte das empresas de EdC, no entanto com algumas alterações que possam demonstrar suas particularidades.

Assim, para ajudar as empresas de EdC a desenvolverem seu Balanço Social Giampietro Parolin desenvolveu um instrumento com sete divisões (representadas pelas cores do arco-íris) que se associam a determinada dimensão da empresa, são elas: financeira, relacional, cultural, ambiental, humana, educacional e de comunicação, conforme demonstra o Quadro 14. Tal ferramenta é conhecida como *rainbow score*. (PINTO; LEITÃO, 2006).

Ferruci (2004), por sua vez, relaciona o *rainbow score* aos Princípios para Gestão de uma Empresa EdC (ver Anexo A), onde cada um de seus princípios se relacionam a uma cor, conforme apresentado no Quadro 14.

COR	DIMENSÃO	DESCRIÇÃO	PRINCÍPIOS PARA GESTÃO DE UMA EMPRESA EdC
VERMELHA	Financeira	Eficiência de gestão e lucratividade	Empresários, trabalhadores e empresa
LARANJA	Relacional	Desenvolvimento de relações internas e externas, que envolve reputação e estilo corporativo	O relacionamento com clientes, com fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros
AMARELA	Cultural	Definição de princípios fundamentais visando compartilhar a cultura corporativa com outras empresas	Ética
VERDE	Ambiental	Preservação do meio ambiente e bem-estar dos membros da empresa	Qualidade de vida e de produção
AZUL	Humana	Harmonia do ambiente de trabalho, traduzido em um clima agradável e trabalho em equipe	Harmonia no local de trabalho
ANIL	Educacional	Formação e desenvolvimento. Pesquisa e inovação	Formação e instrução
VIOLETA	Comunicação	Intercâmbio de experiências, gerando comunhão e <i>feedback</i> gerencial	Comunicação

Quadro 14: O Rainbow Score.

Fonte: adaptado de Parolin (2003, p. 4 apud Pinto, 2004, p. 66).

Um estudo feito por Godoy *et al* (2007) apresenta os três tipos de modelos de Balanço Social mais utilizados no Brasil: IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), GRI (*Global Reporting Initiative*) e Instituto Ethos.

O relatório proposto pelo modelo IBASE, de acordo com Godoy *et al* (2007), sugere uma estrutura padrão, sendo bastante objetivo, tratando dos dados gerais da empresa, indicadores e outras informações.

A *Global Reporting Initiative* (Iniciativa Global para a Apresentação de Relatórios) é um centro de colaboração oficial do Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP - *United Nations Environmental Programme*). Tem como missão difundir globalmente o uso de diretrizes adequadas para confecção de relatórios de sustentabilidade, ajudando as empresas a evidenciarem não apenas os aspectos financeiros, mas as ações sociais e ambientais. Objetiva, ainda, a adoção de um modelo-padrão internacional. (GODOY *et al*, 2007).

O modelo do Instituto Ethos é semelhante ao modelo GRI devido ao fato de ter adaptado este último a realidade brasileira.

Assim, após uma análise parcial dos modelos apresentados por Godoy *et al* (2007), propõe-se para as empresas de EdC a utilização do modelo GRI pelo fato deste demonstrar maior transparência em suas informações; e, ainda, pelo fato de ser uma ferramenta que pode tornar-se um padrão internacional, fato que pode auxiliar as empresas de EdC, presentes nos cinco continentes, a terem uma linguagem semelhante para demonstrar a comunhão de bens.

PRINCÍPIOS PARA GESTÃO DE UMA EMPRESA EdC	INDICADORES DE DESEMPENHO GRI
Empresários, trabalhadores e empresa	Indicadores de Desempenho Econômico
O relacionamento com clientes, com fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros	Indicadores de Desempenho Referentes a Direitos Humanos Indicadores de Desempenho Social Referentes à Sociedade
Ética	Indicadores de Desempenho Referentes à Responsabilidade pelo Produto
Qualidade de vida e de produção	Indicadores de Desempenho do Meio Ambiente Indicadores de Desempenho Referentes à Prática Trabalhista e Trabalho Decente
Harmonia no local de trabalho	Não identificado
Formação e instrução	Indicadores de Desempenho Referentes à Prática Trabalhista e Trabalho Decente (apenas indicadores de treinamento e educação)
Comunicação	Não identificado

Quadro 15: Relação dos Princípios de Gestão de Empresas EdC com os indicadores GRI .
Fonte: dados pesquisados.

No entanto, os indicadores do modelo GRI não suprem as necessidades de informação das empresas de EdC em relação aos Princípios de Gestão de Empresas EdC (ver Quadro 14), conforme mostra o Quadro 15.

Assim, apresenta-se a estrutura básica do modelo GRI e em seguida são abordadas algumas adaptações às necessidades das empresas de EdC.

1 Visão e Estratégia: declaração da visão e da estratégia da organização referente à sua contribuição para o desenvolvimento sustentável.

2 Perfil da Organização: nome, principais produtos e serviços, estrutura, mercados, porte e outros.

3 Escopo do relatório: pessoa e dados para contato, período a que se referem as informações, data do relatório anterior, abrangência e outros.

4 Perfil do relatório: critérios empregados na elaboração do relatório e dos indicadores.

5 Estrutura de Governança.

6 Engajamento das Partes Interessadas: relacionamento e procedimentos em relação às partes interessadas.

7 Políticas Abrangentes e Sistemas de Gestão.

8 Sumário de Conteúdo da GRI: títulos dos capítulos do modelo, indicando a página e seus indicadores.

9 Indicadores de Desempenho:

- ✓ Indicadores de Desempenho Econômico;
- ✓ Indicadores de Desempenho do Meio Ambiente;

- ✓ Indicadores de Desempenho Referentes a Práticas Trabalhistas e Trabalho Decente;
- ✓ Indicadores de Desempenho Referentes a Direitos Humanos;
- ✓ Indicadores de Desempenho Social Referente à Sociedade;
- ✓ Indicadores de Desempenho Referentes à Responsabilidade pelo Produto.

Seguem as adaptações sugeridas para maior transparência das atividades de empresas de EdC:

1 Visão e Estratégia: Incluir informações referentes a visão e estratégias para diminuição das desigualdades sociais, a formação de “homens novos” e a difusão da “cultura do dar”.

2 Perfil da Organização: Apresentar o projeto de EdC e os Princípios de Gestão (Anexo A).

4 Perfil do relatório: Citar a participação dos empregados, caso haja.

9 Indicadores de Desempenho: Incluir Indicadores de Desempenho da Harmonia no local de trabalho e Indicadores de Desempenho da Comunicação para abranger os aspectos citados no Quadro 15 não identificados nos indicadores GRI; e, ainda, ressaltar nos demais indicadores a comunhão de bens, a distribuição diferenciada do lucro e a formação de “homens novos”.

Por fim, estas informações podem ajudar as empresas de EdC na evidenciação de sua responsabilidade social, assim como, na difusão do projeto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual sistema de mercado causa o aumento do consumo sem limites, agravando as diferenças sociais existentes, deturpando muitos valores humanos e contribuindo para a formação de uma sociedade individualista.

Numa sociedade deste tipo, as pessoas têm seu valor pautado em bens materiais individualizados e não nas capacidades humanas de viver a coletividade e buscar o bem de todos.

Não importa o que está sendo depredado, consumido, extinto, a “cultura do ter” se preocupa somente em satisfazer os desejos imediatos de pessoas que na verdade sentem falta é de sentimentos, relacionamentos confiáveis, alguém que simplesmente possa por alguns instantes parar tudo o que está fazendo e ouvir.

No meio desta situação, surge o projeto de EdC trazendo à vida cotidiana uma nova forma, ou melhor, a antiga forma de relacionamentos conhecida por todos, mas esquecida em meio aos desejos de trocar constantemente os produtos desenvolvidos, pela tecnologia, que surgem cada vez mais tentadores.

A Economia de Comunhão, por sua vez, está presente exatamente no ambiente em que a maioria dos indivíduos passa o maior tempo de suas vidas: nas empresas, trabalhando para conseguir manter suas necessidades mais imediatas supridas. No entanto, estas empresas são atualmente a minoria diante de um grande número de outras que contribuem para o aumento das desigualdades sociais, assim como, para degradação constante do meio ambiente.

Entretanto, tais atitudes anteriormente impensadas, ganham um lugar de destaque por apresentarem graves danos a saúde humana e a extinção de recursos essenciais para a sobrevivência do homem.

Desta forma, surgem conceitos de responsabilidade sócio-ambiental, publicações de ações das organizações voltadas a manterem o equilíbrio ambiental e atitudes que demonstram a preocupação com o bem estar comum.

A Contabilidade, quanto ciência social, auxilia as empresas nestas informações através do Balanço Social e da Demonstração do Valor Agregado. Porém, alguns autores defendem que, muitas das informações prestadas pela Ciência Contábil não são suficientes para avaliar corretamente a situação das empresas e os valores empresariais a elas relacionados.

Assim, a problemática da pesquisa resumida na seguinte questão problema: “O projeto de Economia de Comunhão está se desenvolvendo no Brasil e no mundo?”, bem como o objetivo geral “[...] verificar a forma como está se difundindo a Economia de Comunhão no

Brasil e no mundo”, são respondidos a partir do momento que se verificam as adesões das empresas ao projeto, assim como, o ramo de atuação das mesmas e os trabalhos acadêmicos relacionados à EdC.

Assim, este trabalho mostra uma análise parcial do número de empresas participantes do projeto, constatando sua existência nos cinco continentes e ainda em todas as regiões brasileiras. Ainda em número reduzido, porém crescente, comprova a necessidade de informações confiáveis para a continuidade das existentes e a expansão de muitas outras.

O continente Europeu é o de maior representação da EdC, sendo a Itália o país com maior número de empresas.

O Brasil se mostra como o principal local onde as empresas de EdC se expandem, sendo que a Região Sudeste compreende mais da metade destas empresas. O setor terciário, composto pelas atividades relacionadas ao comércio e serviços, é por sua vez, o de maior expressão dentre as organizações brasileiras coligadas a EdC.

A existência destas empresas e sua continuidade nestes quinze anos de projeto desperta a curiosidade de diversas pessoas e têm feito parte da vida acadêmica de algumas universidades. Muitos trabalhos, desde a graduação até a pós-graduação, são defendidos nesta área e estão entre os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Sociologia, entre outros.

A Universidade Federal de Santa Catarina, embora tenha trabalhos acadêmicos com temas relativos à EdC, não aparece nos dados publicados no site oficial do projeto. Considerando que a amostra utilizada nesta pesquisa é extraída apenas deste site, ressalta-se a possibilidade da existência de trabalhos que não estão incluídos nesta página de publicações.

Em relação à empresa entrevistada, notou-se a proximidade dos pensamentos da proposta do projeto, embora existam muitas coisas a serem colocadas em prática. Percebeu-se, também, a distância entre as atividades da empresa diante de sua contabilidade que é feita em um escritório. No entanto, fica clara a vontade de divulgar a EdC em suas atividades e ampliar o desenvolvimento da empresa em busca de satisfazer os Princípios de Gestão de uma Empresa EdC.

As necessidades de divulgar suas ações como empresa de EdC podem ser amenizadas com a adoção de algumas adaptações no modelo de Balanço Social proposto pela GRI, acrescentando as informações relevantes sobre a comunhão dos bens, a formação de “homens novos”, a “cultura da partilha” e os princípios que estas empresas devem seguir.

Sugere-se para novos trabalhos a abordagem de dados numéricos relativos à contabilidade desenvolvida na Encantabril Tur, bem como um estudo comparativo entre

duas empresas do mesmo ramo de atividade que aderem ao projeto, mostrando as vantagens e desvantagens neste processo.

Outro estudo é de entrevistas aos autores dos trabalhos acadêmicos para verificar a percepção destes sobre o assunto, bem como a abordagem de uma amostra maior da utilizada nesta pesquisa.

Ainda, como sugestão, tem-se a confecção do Balanço Social para uma empresa de EdC apresentado neste estudo.

Por fim, ressalta-se que as empresas coligadas ao projeto de EdC necessitam de informações confiáveis e demonstrações que consigam expressar de forma transparente suas ações sociais e ambientais. A contabilidade, desta forma, tem grande importância neste processo, assim como, novos desafios para atingir seus objetivos quanto ciência social.

REFERÊNCIAS

BRANDALISE, Luiz Antônio. **A finalidade do lucro para as empresas de Economia de Comunhão**. 2003. 261 f. Tese (Doutorado em Contabilidade e Controladoria) – Curso de Pós-graduação em Contabilidade e Controladoria, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Lei das Sociedades por Ações. Lei nº 6404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as sociedades por ações. Manuais de Legislação Atlas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BRUNI, Luigino. **Comunhão e as novas palavras em economia**. São Paulo: Cidade Nova, 2005.

CHIARELLO, Rosicler Fátima. **Interferência da Economia de Comunhão nas evidenciações de responsabilidade social das empresas**. 2005. 75 f. Monografia (Ciências Contábeis) – Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CILLERAI, Luciano. Empresa EdC: comunidade de pessoas e recursos imateriais. **Economia de comunhão uma nova cultura**, São Paulo, ano X, nº 1, p. 24, fev. 2004. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/_notizionario.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2007.

COELHO, Filipe. As sete cores do arco-íris. **Economia de comunhão uma nova cultura**, São Paulo, ano X, nº 2, p. 17, jun. 2004. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/_notizionario.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2007.

CVM – Comissão de Valores Mobiliários. **Legislação e Regulamentação CVM**. Disponível em: <<http://www.cvm.gov.br/asp/cvmwww/atos/exiatio.asp?File=/deli/deli029.htm>>. Acesso em: 10 abril 2007.

CVM – Comissão de Valores Mobiliários. **Balanco Social – a posição da CVM**. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/port/public/publ/Publ_400.asp>. Acesso em: 10 abril 2007.

ECONOMIA DE COMUNHÃO. **Publicações**: Trabalhos acadêmicos. Disponível em: <<http://www.edc-online.org/>>. Acesso em: 7 julho 2007.

FERRUCCI, Alberto. Os investimentos imateriais das empresas EdC. **Economia de comunhão uma nova cultura**, São Paulo, ano X, nº 1, p. 22-23, fev. 2004. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/_notizionario.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Marina, *et al.* Balanco Social: convergências e divergências entre os modelos do IBASE, GRI e Instituto Ethos. In: IBICT. **Base de dados do I Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade**. Florianópolis: IBICT, 2007. CD-ROM.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BRENDA, Michael F. Van. **Teoria da Contabilidade**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IASI, Marco Antonio. **Reengenharia Social**. São Paulo: LTr, 1996.

IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **Responsabilidade Social**. Disponível em: <<http://www.ibase.org.br/>>. Acesso em: 10 abril 2007.

INSTITUTO ETHOS. **Perguntas frequentes**. Disponível em: <<http://www.ethos.org.br/>>. Acesso em: 15 julho 2007.

KROETZ, Cesar Eduardo Stevens. **Balanco Social: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LONGARAY, André Andrade; BEUREN, Ilse Maria. Caracterização da pesquisa em contabilidade. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 21-45.

LUBICH, Chiara. **Economia de Comunhão: história e profecia**. São Paulo: Cidade Nova, 2004.

LUCA, Márcia Martins Mendes De. **Demonstração do Valor Adicionado: do cálculo da riqueza criada pela empresa ao valor do PIB**. São Paulo: Atlas, 1998.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Básica**. São Paulo: Atlas, 1985.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES. **Economia de Comunhão: histórico**. Disponível em: <<http://www.focolares.org.br/>>. Acesso em: 15 abril 2007.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES. **O Movimento dos focolares**: Chiara Lubich. Disponível em: <<http://www.focolares.org.br/>>. Acesso em: 15 abril 2007.

MULATERO, Caterina. Os pobres, “atores” do projeto EdC. **Economia de comunhão uma nova cultura**, São Paulo, ano VII, nº 1, p. 12, jun. 2001. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/_notizionario.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2007.

MUSSOLINI, Luiz Fernando. A função social da contabilidade. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, ano XXIII, nº 89, p. 72-81, nov/dez. 1994.

PADOVEZE, Luís Clóvis. **Manual de contabilidade básica: uma introdução à prática contábil**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

PEIXE, Blênio César Severo. **Balanco Social: o poder de difusão da informação**. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, ano XXIX, no 122, p. 60-69, mar/abr. 2000.

PINTO, Mario Couto Soares. **A economia de comunhão sob o olhar da teoria dos stakeholders**. 2004. 322 f. Tese de Doutorado - Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/5774_1.PDF?NrOcoSis=15653&CdLinPrg=pt>. Acesso em: 20 de agosto de 2007.

PINTO, Mario Couto Soares; LEITÃO, Sergio Proença. **Economia de Comunhão: empresas para um capitalismo transformado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. Princípios fundamentais e normas brasileiras de contabilidade. **Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina**. 1. ed. Florianópolis, 2004.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 76-97.

RELATO SETORIAL No. 2 AS/GESET. **Balço Social e outros aspectos da responsabilidade social corporativa**. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/social02.pdf/>>. Acesso em: 15 julho 2007.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade Geral fácil**: para cursos de contabilidade e concursos em geral. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Conhecendo a universidade. **Escrevendo e normalizando trabalhos acadêmicos: um guia prático**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 9-13.

TINOCO, João Eduardo Prudêncio. **Balço Social**: uma abordagem da transparência e da responsabilidade pública das organizações. São Paulo: Atlas, 2001.

APÊNDICE A

Anterior | Próxima | Voltar às mensagens

Apagar Responder Encaminhar Spam Transferir

Mensagem não sinalizada. [Sinalizar - Marcar como não lida] Imprimir

De: "Centro de Estudos..." <cefiladelfia@terra.com.br> Ver detalhes do contato

Para: amglaço@yahoo.com.br

Assunto: Re: Informações sobre EdC

Data: Wed, 15 Aug 2007 17:00:38 -0300

Oi Andréa tudo bom?

Eu sou Maria Júlia e trabalho aqui no Centro de Documentação Filadélfia, junto com a Andréa Cruz nós nos sentimos felizes em saber que você está trilhando os passos do Projeto EDC, você é muito bem-vinda!!!

Precisamos de alguns dados seus, por isso em anexo este cadastro.caso você já tenha nos enviado por favor atualize os dados.

E nosso telef 0114159 2017 e ind.Rua Rosário Gaspar 118 casa 1 cep 06730000 V.G.Paulista S.P.

Qualquer dúvida nos comunique.Logo enviaremos mais dados conforme a sua necessidade.

Um grande abraço Andréa e Maria Júlia

----- Original Message -----

From: [Centro Filadelfia](#)
To: [cefiladelfia](#)
Sent: Wednesday, August 15, 2007 4:04 PM
Subject: Fw: Informações sobre EdC

----- Original Message -----

From: [aia.glacondremini](#)
To: [centrofiladelfia@terra.com.br](#)
Sent: Wednesday, August 15, 2007 12:58 PM
Subject: Informações sobre EdC

Boa tarde!

Sou aluna do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina e estou fazendo minha monografia na área de EdC. Gostaria de saber como conseguir um levantamento das empresas que participam do projeto no Brasil e no mundo, a área de atuação das mesmas e se estas tem contribuído para o projeto. Vocês podem me ajudar?

Agradeço desde já atenção.

Att.
Andréa.

Flickr agora em português. Você clica, todo mundo vê. [Saiba mais.](#)

Esta mensagem foi verificada pelo [E-mail Protegido Terra](#).
Scan engine: McAfee VirusScan / Atualizado em 14/08/2007 / Versão: 5.1.00/5097
Proteja o seu e-mail Terra: <http://mail.terra.com.br/>

Oi Andréa tudo bom?

Eu sou Maria Júlia e trabalho aqui no Centro de Documentação Filadélfia.junto com a Andréa Cruz nós nos sentimos felizes em saber que você está trilhando os passos do Projeto EDC, voce é muito bem-vinda!!!

Precisamos de alguns dados seus, por isso em anexo este cadastro.

E nosso telef 0114159 2017 e ind.Rua Rosário Gaspar 118 casa 1 cep 06730000 V.G.Paulista S.P.

Qualquer dúvida nos comunique.

Um grande abraço Andréa e Maria Júlia

Anexos

Arquivos:

Cadastro_Acad_mico.doc (25k) [Busque e Salve no seu computador](#)

Dat_EDC_2006_TRADUZIDOS_1.xls (82k) [Busque e Salve no seu computador](#)

Apagar Responder Encaminhar Spam Transferir

Anterior | Próxima | Voltar às mensagens

[Salvar texto da mensagem](#) | [Cabeçalhos](#)

Ver

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476
CEP 88010-910 – Florianópolis – Santa Catarina
Centro Sócio Econômico
Departamento de Ciências Contábeis

Instrumento de pesquisa para fins acadêmicos – Monografia

Questões:

1. Quando se deu a origem da Encantabrasil Tur e quais as suas atividades?
2. Como a empresa conheceu a EdC e o que a levou a aderir ao projeto?
3. O que mudou na visão da empresa após a adesão ao projeto?
4. Os tributos são todos recolhidos?
5. O que a empresa faz em relação ao meio ambiente?
6. Qual a relação da empresa com seus fornecedores?
7. O que a empresa faz para valorização de seus colaboradores?
8. A empresa realiza reunião periódicas com seus colaboradores para relatar o projeto EdC?
9. O que pensam os colaboradores sobre o EdC?
10. Existiu durante o processo problemas com os colaboradores, quanto a estrutura e idéia que é mantida no EdC?
11. Quais os projetos futuros para a empresa ligados a sua visão quanto participante do projeto EdC?
12. A empresa distribui lucros para o projeto? Em caso afirmativo, qual a forma de escolha do valor a ser destinado?
13. De que forma é feita a contabilidade da empresa? Como é registrada a distribuição ao projeto, caso haja?
14. A empresa tem preocupações em publicar o Balanço Social?

ANEXO A

PRINCÍPIOS PARA A GESTÃO DE UMA EMPRESA EdC

A Economia de Comunhão pretende favorecer a concepção do agir econômico como um compromisso que abrange idéias e ação (não só lucrativo), que visa a promoção integral e solidária do homem e da sociedade. Portanto, no quadro da economia de mercado, apesar de mirar a justa satisfação das exigências materiais, próprias e dos outros, o agir econômico se insere num contexto antropológico completo, direcionando suas capacidades ao constante respeito e valorização da dignidade da pessoa, seja dos funcionários da empresa – incluindo a rede de produção e de distribuição – seja dos destinatários.

A Economia de Comunhão trabalha para estimular a passagem da economia e de toda a sociedade, da cultura do ter à cultura da partilha.

1. Empresários, trabalhadores e empresa

Os empresários que aderem à Economia de Comunhão formulam estratégias, objetivos e planos econômicos, considerando os critérios típicos de uma correta gestão e envolvendo, nessa atividade, os membros da empresa. Eles investem com prudência e com uma atenção especial para a criação de novas atividades geradoras de empregos.

No centro da empresa encontra-se a pessoa humana, e não o capital. Os responsáveis por ela procuram utilizar os talentos dos funcionários do melhor modo possível, favorecendo a criatividade, a responsabilidade e a participação nas decisões dos objetivos empresariais. Adotam determinadas medidas para ajudar os funcionários que passam por dificuldades.

A empresa é administrada com a finalidade de aumentar a produção do lucro, destinado, com a mesma atenção: para o desenvolvimento da empresa; para pessoas que passam por dificuldades econômicas, começando por quem adere à “cultura da partilha” e para a difusão dessa cultura.

2. O relacionamento com clientes, com fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros

A empresa se esforça, do melhor modo possível, para oferecer bens e serviços úteis, de qualidade e a preços justos.

Os membros da empresa trabalham com profissionalismo, para construir e reforçar boas e sinceras relações com os clientes, com os fornecedores e com a comunidade, orgulhosos de servirem a todos.

Estabelecem um relacionamento leal com os seus concorrentes, apresentando a efetiva qualidade dos seus produtos ou serviços, e evitando ressaltar os defeitos dos produtos e serviços dos outros.

Tudo isso enriquece a empresa de um capital não material, constituído de relações de estima e de confiança com diretores de empresas fornecedoras ou clientes, ou com a administração pública, produzindo um desenvolvimento econômico menos sujeito à variação de mercado.

3. Ética

O trabalho da empresa é um meio para promover o crescimento espiritual de todos os seus membros.

A empresa respeita as leis e mantém um comportamento eticamente correto perante as autoridades fiscais, os sindicatos e as organizações institucionais.

Age da mesma forma com os seus funcionários, dos quais espera semelhante comportamento.

No que se refere à qualidade dos seus produtos e serviços, a empresa se esforça não só para respeitar os próprios deveres de contrato, mas também para avaliar os reflexos objetivos da qualidade da sua produção no bem-estar dos consumidores.

4. Qualidade de vida e de produção

Um dos principais objetivos dos empresários da Economia de Comunhão é transformar a empresa numa verdadeira comunidade. Eles se reúnem periodicamente com os diretores e com os gerentes para avaliar a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Esforçam-se para resolver as situações difíceis, conscientes de que o empenho para solucionar essas dificuldades pode ter efeitos positivos nos membros da empresa, estimulando inovações e incrementando a maturidade e a produtividade.

A saúde e o bem-estar de cada funcionário são objeto de atenção, principalmente diante de necessidades especiais.

As condições de trabalho são adequadas ao tipo de atividade exercida: respeito às normas de segurança, ventilação e iluminação adequadas, nível tolerável de ruído.

Procura-se evitar uma carga horária excedente, de modo que ninguém fique sobrecarregado, e são previstas as férias devidas.

O ambiente de trabalho torna-se tranqüilo, constróem-se relacionamentos de amizade, reina o respeito, a confiança e a estima recíproca.

A empresa produz bens e serviços garantidos, toma as devidas providências para não danificar o meio ambiente e procura economizar energia e reservas naturais, não só durante a produção, mas durante todo o ciclo de vida do produto.

5. Harmonia no local de trabalho

A empresa adota sistemas de gerência e estruturas organizacionais capazes de promover tanto o trabalho em grupo quanto o crescimento individual.

Os funcionários fazem o máximo para manter os locais de trabalho organizados, limpos e agradáveis. Assim, patrões, empregados, fornecedores e clientes, encontrando-se num ambiente harmonioso, sentem-se em casa, assumem este estilo como próprio e passam a difundir-lo.

6. Formação e instrução

A empresa favorece a criação de uma atmosfera de ajuda recíproca, de respeito e de confiança, em que se torna natural colocar à disposição, livremente, os próprios talentos, idéias e capacidades, em benefício do crescimento profissional dos colegas e para o progresso da empresa.

O empresário estabelecerá critérios de seleção de pessoal e de programação do desenvolvimento profissional para os funcionários, com a finalidade de criar esta atmosfera.

Para que todos possam conquistar os objetivos de interesse da empresa ou de crescimento profissional pessoal, a empresa promoverá freqüentemente cursos de reciclagem e de aprendizado.

7. Comunicação

A empresa que adere à Economia de Comunhão estabelece uma comunicação aberta e sincera que favorece o intercâmbio entre diretores e funcionários.

Esta comunicação se estende a todas as pessoas que, conscientes da importância social deste projeto, se prontificam a contribuir com o seu desenvolvimento. É aberta, ainda, àqueles que se interessam pela cultura da partilha e desejam aprofundar os vários aspectos dessa experiência concreta.

As empresas que aderem à Economia de Comunhão utilizam os mais modernos meios de comunicação, com a finalidade de desenvolver relacionamentos econômicos reciprocamente úteis e produtivos, para se manterem ligados, tanto em nível local, quanto em nível internacional.

Alegram-se com o sucesso e valorizam as dificuldades, as provações e até mesmo o insucesso dos outros, num espírito de colaboração e de solidariedade.

Bureau Internacional de Economia e Trabalho
Movimento Humanidade Nova
21 de março de 1997.